

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS

ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO INFANTIL

CARMEN SUSANA ZIMMERMANN

BRINCAR PARA QUÊ?

SÃO LEOPOLDO

2014

CARMEN SUSANA ZIMMERMANN

BRINCAR PARA QUÊ?

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Educação Infantil, pelo Curso de Especialização em Educação Infantil da Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Orientadora: Profa. Dra. Marita Redin

São Leopoldo

2014

Dedico este trabalho a todos os profissionais da Educação que acreditam que o brincar é parte fundamental da Educação Infantil, mas também da vida.

Brincar é...

Brincar se dá no entre mãe e bebê;
Ali existe um espaço em potencial,
Mas isto é somente o começo,
Pois o universo vai se alargando e novas formas de brincar vão se apresentando.
Agora brinca sozinho, consigo mesmo, é o chocalho, o pano (o cheiro).
Brinca com o outro, mostrando ativamente aquilo que viveu.
Brincar é universal,
O que muda são os objetos,
Pois têm muito do cultural.
Mas brincar é criar:
Criar o novo, o inimaginável, aquilo que ali eu sou (*self*).
Brincar é fazer;
Brincar toma tempo, pois não se faz de qualquer jeito.
Brincar me leva a dividir com o outro o que sou e o que tenho.
Brincar cura, é terapia;
Ali me comunico comigo e com o outro.
Brincar não é preparação para nada,
É viver o momento, sair da rotina para não empobrecer meu viver,
Pois quem brinca produz saúde
E isso não tem idade
Seja criança, jovem, adulto, vovô ou vovó,
Precisamos de saúde, pois assim nos tornamos sensíveis a nós mesmos!
Ali frui a liberdade de criação.
A base é o Brincar.
O que falta, então, para nós? BRINCAR!

Carmen Susana Zimmermann

AGRADECIMENTOS

Tem sido um tempo privilegiado de retornar à universidade e agradeço a Deus que me possibilita todos os dias viver e aprender a viver para Ele e por Ele. Creio que o amor que tenho pela educação vem Dele, pois Ele ama as crianças e fala que devemos ser iguais às crianças para entrar no Reino dos Céus. Quero aprender com Jesus a olhar para as crianças e ver nelas o potencial, a simplicidade e o amor que faz parte de suas vidas, olhar para elas e, assim, olhar para o meu interior e desfrutar da vida com este olhar de criação.

Agradeço ao incentivo e ao amor dedicado pelo homem da minha vida, meu marido, Alexandre, que me acompanha há vinte e seis anos nesta caminhada e que tem sido incansável ao meu lado: muito obrigada por acreditar em mim!

Às minhas filhas Miriã e Tábita, que me socorreram quando as dificuldades apareceram na escrita, no organizar, na paciência... E ao meu filho Ezequiel, que faz parte deste tempo. Obrigada pelo amor!

Às professoras da Escola de Educação Infantil Formiguinha, juntamente com a equipe diretiva, que fizeram e fazem parte deste desafio que é pensar e realizar um novo caminhar. Tem sido um desafio, mas é gratificante ver o grupo engajado, buscando respostas a muitas perguntas. Muito obrigada por fazerem parte da minha vida profissional.

À minha orientadora, professora Dra. Marita, que tem se dedicado à educação e acredita no potencial das crianças. Muito obrigada por aceitar estar pensando junto comigo os meus questionamentos, os quais creio que em muitos momentos são também os seus questionamentos.

Agradeço a todos que já passaram pela minha vida e que, de alguma forma, escreveram comigo a minha história. Tempos bons e maus, mas fundamentais para que eu estivesse onde me encontro hoje.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo buscar respostas a algumas inquietações que aparecem no dia a dia da autora como Coordenadora Pedagógica de uma Escola de Educação Infantil. Pensando neste profissional, busca-se problematizar o entendimento de como ajudá-lo a ser crítico e reflexivo em relação à sua prática docente, levando em conta o brincar como fundamento para o seu trabalho diário. Investiga-se na história da educação, de maneira geral, e também na educação brasileira um norte para entender o brincar desde seus primórdios. O objeto da pesquisa foi realizado com um grupo de vinte e duas professoras que fazem parte da escola pesquisada, buscando o brincar das suas infâncias, trazendo à memória aquilo que viveram como crianças na escola e fora da escola e o que vivem hoje como profissionais da educação, na expectativa de assim construir um caminho de reflexão e aprimoramento de suas práticas.

Palavras-Chaves: Professor. Criança. Brincar.

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO	7
2 NARRATIVAS DE UMA PROFESSORA	9
2.1 CONCEPÇÕES ATUAIS	9
3 CRIANÇA, INFÂNCIA, BRINCADEIRAS E HISTÓRIA.....	16
3.1 BRINCAR PARA QUÊ?.....	27
3.2 O PROFESSOR E SEU PAPEL.....	31
4 E AGORA?.....	34
4.1 COMO FOI FEITO.	35
5 RELATOS CHEIOS DE VIVÊNCIAS	37
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	50
REFERÊNCIAS	52

1 APRESENTAÇÃO

Muitas são as perguntas que perpassam a minha mente. Entre elas: “Será que brincar é perda de tempo?”, “Brincar é coisa séria?”.

Como professora de Educação Infantil, tenho buscado respostas através da memória de minha história, que foi escrita ao longo da minha vida como criança, adolescente, jovem, adulta e profissional da área da educação. Creio que muitas das respostas de atitudes, gestos, situações que vivenciamos hoje estão relacionadas à nossa história. Então, se quando crianças brincávamos, porque como adultos não o fazemos mais? E porque não permitimos que as crianças brinquem se o brincar foi relevante para o nosso desenvolvimento? E se o não brincar na escola trouxe consequências negativas?

No terceiro capítulo, busco respostas na História da Educação Infantil escrita durante décadas, levando em conta o que se diz sobre o brincar e a sua importância para o desenvolvimento integral da criança. O que a Legislação Brasileira, as políticas públicas têm promulgado, reforçado, reorganizado desde o século XIX, chegando até os dias atuais, com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, revisadas no parecer CNE/CEB N.º 20/2009, que destaca a criança como centro do planejamento curricular, sujeito histórico e de direito, tendo como eixo norteador as interações e as brincadeiras. Qual o papel do professor frente a esta prática pedagógica articulada entre experiências e saberes das crianças numa construção de interação em que através do brincar se aprende.

No quarto capítulo, trago um pouco de como vemos o Projeto Político Pedagógico construído na escola investigada e qual o papel da equipe docente frente a este documento. A partir de encontros mensais, construí meu objeto de pesquisa e, junto ao corpo docente da escola, o apliquei, através do brincar e do escrever, analisando o que faz parte da história de cada um dos profissionais. Como diz Redin (2008), lembrar é narrar aquilo que foi vivido, provocando a explicitação daquilo que foi rico na infância.

Se o objeto é brincar, então é preciso praticar o brincar para recordar aquilo que foi vivido. Com o quê brinquei na minha infância? Quais brincadeiras praticava na Educação Infantil? Em que momento brincava?

Então, no quinto capítulo relato as vivências do corpo docente, buscando entre relatos e escritos bibliográficos (fundamentação teórica) escrever e reescrever, analisando o brincar que fez parte – ou deixou de fazer – das suas infâncias e o quanto isso fez e faz diferença na prática pedagógica de cada professor, buscando respostas que sei não serem definitivas sobre a necessidade de auxiliar este profissional da Educação Infantil a refletir sobre sua práxis de

forma crítica para, assim, quebrar paradigmas que foram sendo adquiridos durante sua formação discente e ao longo de sua caminhada. Brincar para quê na escola? Somente quando sobrar tempo se brinca? Relaciona-se o brincar com a aprendizagem da criança? Brincar é ou não é coisa séria?

Como considerações finais, trago algumas aprendizagens que a pesquisa me proporcionou e o quanto me auxiliaram na constituição da minha práxis como coordenadora pedagógica de escola de educação infantil, reforçando que é preciso brincar, pois, se brincamos com nossas crianças, acreditamos numa educação criativa e prazerosa, entendendo desse modo que o brincar tem um porquê. Então vamos brincar!

2 NARRATIVAS DE UMA PROFESSORA

2.1 CONCEPÇÕES ATUAIS

Ah! Como a paixão é doce. Somente os apaixonados sabem viver e morrer... A paixão é o segredo do sentido da vida.
Rubem Alves

Refletir a minha história, buscando dentro de mim a vida que só eu mesma sei o quanto foi vivida e sentida, a criança que está, muitas vezes, guardada dentro de mim, a quem não é permitido que venha e mostre sua forma de ser e agir. Tenho uma memória e preciso fazer dela parte do que vivo hoje, sem ela não teria o hoje, e o amanhã depende do hoje, por isso preciso rememorar minha história. Redin (2008) faz menção à memória como invenção; se temos história é porque a vivemos, algo do passado, mas “a memória não é somente a capacidade de olhar para trás, mas a possibilidade de poder projetar-se no futuro”.

Brincar, ah, palavra mágica. Como era bom brincar na rua, com os amigos, de bola, bolita, pescar girinos no valão em frente de casa, esconde-esconde, brincadeiras de roda, de médico, de casinha, inventando, pois as únicas coisas que se tinha era o pátio, latas, terra, galhos, folhas, panos velhos, caixas e uma boneca de plástico, mas era o suficiente para se divertir. Não podia faltar brincar de ser professora e ali, na imitação, demonstrava e fazia com meus alunos aquilo que na escola acontecia: “Fica quieta!”, “Você não sabe nada!”, “Chega de conversa!”. Marcas, muitas marcas.

Hora do lanche! Quão bom era sentir o cheiro do pão que estava saindo do forno à lenha, a rosca, a cuca, as bolachas que podiam ser por mim enfeitadas. Lamber os dedos, comer mais cobertura do que usar para enfeitar as bolachas, e era bom, muito bom! Cheiro e sabor de infância!

Mas na infância é preciso ir para a escola e então lá tudo era muito sério. Passar horas sentada atrás de um banco escolar, escrevendo, lendo, fazendo contas, escrevendo, escrevendo... A melhor hora era o recreio, quando então podia correr pelo pátio, brincar, me divertir. Muitas vezes voltava para casa com os joelhos ralados e minha mãe dizia: “Você não tem jeito mesmo, não cura nunca, não pode ficar quieta, sem correr?”, mas ela não entendia que a melhor parte era correr, extravasar para depois, outra vez, sentar, escrever, escrever.

Ser criança, ganhar o primeiro livro, ler uma vez, muitas vezes e continuar a ler.

Ser professora, sonho de menina que durante muito tempo parecia que não iria se concretizar, menina que cresce e outro rumo acontece!

Ser professora estava sempre no meu coração; achava tão linda esta profissão, parecia algo diferente de tudo, algo nobre. Amava brincar de professora, pois havia nisso um poder, parecia algo poderoso, algo que dava status, autoridade (mandar), “Faz o que estou dizendo!”.

Mas o meu rumo não foi para esta profissão, pois para fazer magistério teria que estudar durante o dia— apenas em escola particular, e não tinha condições financeiras – e eu precisava trabalhar. Logo, fiz o 2.º Grau em escola pública, mas ainda sonhava em ser professora. Tudo era muito confuso dentro de mim; fiz vestibular, mas não fiz para Pedagogia ou alguma área das Humanas. Comecei Direito, mas depois de três semestres desisti, não sabia o que fazer. Passei um tempo sem estudar, pois tinha muitas dúvidas, faltava apoio, como dizem: “Jovens muitas vezes não sabem o que fazer da vida”.

Neste tempo eu trabalhava como secretária e uma amiga disse que estavam abrindo a primeira turma de um Curso de Magistério na Escola Concórdia no período da noite e para quem já havia concluído o 2.º Grau. Não pensei duas vezes, me matriculei e comecei um novo tempo em minha vida.

Muitas aprendizagens, desafios e muito estudo foram acontecendo e eu me sentia feliz em estar me preparando para ser professora. Entre observações, práticas, estágios e relatórios me “formei”; havia vencido uma etapa. Estava com vinte e cinco anos e muito feliz, agora professora. Um sonho de criança estava se tornando realidade.

Em pouco tempo estava em sala de aula com uma turma de 3.ª série; consegui que aceitassem, no meu trabalho de secretária, que eu trabalhasse vinte horas, e as outras vinte horas passava na escola. Que maravilha! Sentia-me desafiada, querendo dar o meu melhor e, apesar de ser tudo muito pronto, com livros, atividades mimeografadas, eu preparava todos os dias com muito carinho o meu planejamento, queria muito que todos aprendessem, porém algo ainda me inquietava, e eu não sabia o quê. Tinha como princípio algo muito forte: que eu devia ser carinhosa com as crianças, que me amassem, o que era diferente de tudo o que senti quando aluna, quando as professoras não me amavam, porque eu era muita tímida e não me sobressaía, parecia que não existia. Agora como professora não queria ser assim, e por isso sempre procurei ser carinhosa, atenciosa, até hoje, mesmo ocupando a função de coordenadora pedagógica. Entendo que preciso amar minhas professoras e auxiliá-las a superar suas dificuldades, mostrando com meus atos o quanto elas são importantes e que podem crescer e ser cada vez melhores, acreditando em seus potenciais, quebrando paradigmas. “O amor faz diferença na vida das pessoas”, não um amor barato, de palavras, mas aquele que desafia o outro, encoraja, diz o que está certo e o que está errado, fazendo muitas perguntas, levando o outro a pensar. Aprender juntos, levando-as a buscar

aperfeiçoamento profissional, pois a formação continuada, como eu estou buscando, é fundamental para que mudanças ocorram na Educação Infantil.

Após alguns anos voltei a estudar, agora já mãe de duas filhas, me senti desafiada a buscar outros conhecimentos e obter respostas às minhas indagações e inquietações, pois vendo a educação que a escola proporcionava à minha filha, me perguntava: Será que precisa ser assim? No Jardim de Infância¹, brincar um pouco mais, mas na Pré-Escola fazer trabalhos prontos, passar lá em cima de linhas? Seria tempo de prontidão para a 1.^a série? E o brincar, onde fica? Ah! Brincar é só um pouco, porque ainda são pequenos, mas já precisam se preparar para aquilo que é sério, ou seja, estudar. **Brincar é somente em casa, quando não se tem nada para fazer! Então brincar quer dizer perda de tempo?** Com muitas perguntas, e algumas certezas, cheguei à universidade, ao curso de Pedagogia. Aprendi muitas coisas a cada encontro; cada leitura me trazia um novo horizonte e quebrava, aos poucos, paradigmas que havia criado e que criaram em mim, desconstruindo no meu ser uma educação alienante. Estava passando por uma fase de muita dor, pois dizem que se aprende vivenciando. Como então construir dentro de mim que eu era capaz, que eu podia fazer as coisas diferentes de como a escola havia me imposto como modelo de ser e fazer? Um rótulo estava sobre mim: “Você não é boa em matemática, português, ciência, física...”.

Vou contar uma história que acontecia comigo na infância:

Minha mãe me mandava no armazém e sempre que me pedia para trazer um quarto de salame ou queijo ou outras coisas aquilo. Eu ia todo o trajeto repetindo, até chegar ao armazém; tinha medo de esquecer, pois, se esquecesse, teria consequências. Nunca entendi o que era um quarto (250 gramas de algo).

Mas não estudei fração na escola? Sim, isto se referia à barra de chocolate, bolo, mas não sabia colocar na minha vivência diária, apenas decorava, e por sinal tinha muita dificuldade em matemática. Há quanto tempo já era professora e continuava não entendendo. Levava coisas concretas sem ter o entendimento necessário, pois o conhecimento precisa perpassar a vida do professor para que então chegue às crianças. Como explicar algo sobre o que tenho muitas dúvidas?

Quando entendi? Quando fiz a cadeira de Didática da Matemática e fui “brincar” no laboratório com bolas e cestos. “Eureka!”, que coisa simples. O que eu precisava era brincar. Logo, “brincar” é coisa séria, pois ali entendi o processo. Que alegria, foi libertador para minha pessoa, pois caiu de mim um “rótulo”.

¹ Jardim de Infância – relacionado ao período em que a criança se encontra com três a cinco anos.

Rubem Alves escreve em “Por uma educação romântica” (2002, p. 147):

Sempre achei a escola burra. E não sou o único a ter essa opinião. Nietzsche chamava os professores de “meus inimigos naturais”. Minha experiência pessoal com a escola foi semelhante. De todos os professores que tive, só me lembro com alegria de um professor de literatura que não dava provas e passava todo mundo. Mas ele falava sobre literatura com tal paixão que era impossível não ficar contagiado...

Minha pergunta é: Quantas professoras quem sabe estão na mesma situação em que eu me encontrava? Acham-se incapazes, pois a escola as rotulou como tal e hoje somente reproduzem o que lhes passaram, achando que não têm condições de construir conhecimentos? Ou, quem sabe, lhes falta paixão?

Esta é apenas uma das histórias do meu tempo de escolarização e que me marcaram negativamente; infelizmente em minha memória ficaram as marcas daquilo que não foi bom, as lembranças boas estão no recreio, na comida gostosa que era preparada para nós, mas e no aprender? Creio que o problema está no fato de que o conhecimento ensinado na escola não está ligado à vida e por isso é esquecido ou nem mesmo entendido. Rubem Alves também diz que “a memória só carrega na sua mala aquilo que ela usa. A memória mora na ação” (2002, p.182).

A universidade foi um caminho para um novo e desconhecido mundo da educação e agora eu sabia que havia algo melhor e diferente e eu queria isto para mim, para as crianças que estavam sob meus cuidados e para minhas filhas. Fui me apaixonando cada vez mais pela educação entendendo que a mudança devia começar por mim, dentro do meu ser profissional. Chega de métodos da Abelhinha, Prontidão para 1.^a série...

Tempo de mudanças. Tempo de ler Piaget, Paulo Freire, Gadotti, Vygotsky, Mallow, Kamii, Rubem Alves, Sônia Kraemer, Jussara Hoffman... Tempo de se apaixonar...

Se as coisas são inatingíveis... ora!
 Não é motivo para não querê-las...
 Que tristes os caminhos, se não fora
 A mágica presença das estrelas!
 (MÁRIO QUINTANA)

As leituras foram mexendo profundamente com meu ser interior e ainda o fazem, além de seminários, congressos, reuniões de que participava e que me instigavam e me deixavam com muitas indagações boas ou ruins. Quebrei e continuo quebrando paradigmas e quero estar aberta para as mudanças até o final da minha vida, que por sinal está mais perto do final que do início. Esta forma de viver e de reconhecer diariamente que preciso estar aberta para o

novo me faz não sentir a idade como um peso, me tornando uma pessoa flexível, que tem se dado o direito de transgredir criativamente e ver a vida com olhos que vislumbram o horizonte e sabem que tem mais profissionalmente. Essa abertura para o novo me desafia constantemente, tanto profissionalmente como nas minhas relações sociais, em relação à minha família, na Escola Bíblica, onde trabalho com crianças e coordeno um grupo de pessoas e onde procuro deixar minhas marcas, que me fazem refletir e não me acomodar, buscando o diferente, o novo.

Mas creio que minha marca maior, entre tantas outras, é ter minha filha Miriã atuando na área da Educação, não porque eu disse a ela que o deveria fazer, e sim pelo exemplo; penso que a minha paixão pela educação foi importante em sua decisão. Ela também é uma guerreira que acredita numa Educação em que o prazer, a alegria e o conhecimento precisam ser marcas na vida das crianças. Entendo que a educação é um ato vivo, criador, que se transforma a cada dia, pois a sociedade, as crianças, não são estáticas, sempre iguais, e nós professores também não somos, por isso é preciso criar, avaliar, se avaliar e dar espaço ao novo, aquilo que nos faz refletir para mudar. Mudar o velho que está dentro de nós, esquecendo o que para trás fica, e realizando o novo, sabendo dos riscos que corremos – mas riscos não fazem parte da vida?

Há alguns anos não atuo mais diretamente com as crianças, pois sou Coordenadora Pedagógica desde 2002 e neste espaço estou para fazer diferença na vida dos professores, ajudando-os a acreditar que a mudança é possível e que começa dentro de cada um. Acredito que a Coordenação Pedagógica desempenha um papel crucial de protagonista, desafiador, para que cada professor faça as suas escolhas educacionais, conduzindo o grupo a experienciar novas situações, propiciando as interações entre crianças/professor, professor/crianças, professor/pais, professor/professor, criando uma cultura de educação que estimula a confiança, reconhecendo os recursos dos professores, investindo neles, uma liderança carismática que não vê o saber somente em si mesmo, mas acredita nas potencialidades do seu grupo. É no grupo que aprendemos a agir, a conviver, resolver conflitos, diferenças, concepções, ali juntas vamos construindo nossos saberes, acreditando em nós, construindo e desconstruindo. É preciso partir do conhecido para o desconhecido. Nesta forma de construção do conhecimento é necessário que tenhamos uma metodologia (observação, reflexão, planejamento), o ir e vir, correndo riscos de errar e acertar, mas não se deixando intimidar.

Madalena Freire (2008, p. 162) diz:

O educador, coordenador de um grupo, é como um maestro que rege uma orquestra. Da coordenação sintonizada com cada diferente instrumento, rege a música de todos. O maestro sabe e conhece todas as partituras e o que cada um pode oferecer. A sintonia de cada um com o outro, a sintonia do maestro com cada um e com todos é o que possibilita a execução da peça pedagógica.

Para mim, as professoras são a minha orquestra e preciso a cada dia aprender a regê-las para que a sinfonia fique perfeita. Elas precisam estar felizes, serem curiosas, criativas, encantadas, consigo e com a educação. Mas isso somente não basta. Educação Infantil é local de profissionalismo e, portanto, precisa de formação continuada.

Afinal, se queremos que nossas crianças sejam felizes, curiosas, criativas, encantadas com boniteza de vida, quem primeiro precisa estar assim são todos aqueles que atuam direta ou indiretamente no espaço escolar. E isto inicia coma palavra PAIXÃO.

É uma cadeia, com efeito dominó: Direção permite – Coordenação instiga – Professores se permitem, compram a ideia – Professores desafiam, ouvem e estimulam as crianças – Crianças, portanto, vivem o novo, o diferente.

Estou garimpando, juntando pedras de todos os tamanhos, cores, formas e montando o meu mosaico, a minha história. Sinto-me em constante equilíbrio e desequilíbrio, por isso busquei uma especialização, por acreditar que educação é algo que precisa ser construído a cada dia.

Então, estou aqui com uma problemática a ser investigada, por ser algo que me inquieta e faz parte de minhas indagações, no meu dia a dia na escola em que atuo. E uma das mais simples, mas também mais complexas questões está ligada à atividade básica das crianças: Brincar.

Brincar para quê?

O que falta no Professor de Educação Infantil para que acredite no brincar?

Como fazer com que o brincar, a brincadeira, que norteia as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, seja mais que apenas uma lei mandatória?

Brinco, mas quando não tem alguém que acredita nisto, me estimulando, volto à velha prática? Será que é porque a forma como aprendi não foi assim?

São perguntas que estão dentro de mim e quero, ao pesquisar sobre isto, poder auxiliar o grupo de professores a ter uma convicção profunda, enraizada, que nada nem ninguém poderá arrancar. Será que isto é possível?

Utilizo uma frase da Clarice Lispector para dizer que vivo assim:

Escrevo-te em desordem, bem sei. Mas é como vivo.
Eu só trabalho com achados e perdidos.

3 CRIANÇA, INFÂNCIA, BRINCADEIRAS E HISTÓRIA

É no brincar, e talvez apenas no brincar, que a criança ou o adulto fruem sua liberdade de criação.
D.W. Winnicott

Criança, Infância, Educação Infantil: essas são expressões que foram sendo construídas durante a história da humanidade.

Criança: ser histórico, cultural e político, que vai construindo sua história conforme o adulto, a sociedade, vai também se constituindo. Mas será que ela é vista, reconhecida, como este ser em diferentes tempos, culturas e sociedades? Veremos...

Atrás de uma, ou a frente a uma criança sempre há um adulto que vai elaborando conceitos, modos de viver e praticar a vida em sociedade.

Se olharmos para a História, vemos que a criança não tinha uma posição privilegiada, especialmente em alguns povos. No mundo greco-romano, a primeira pergunta que devia ser feita é se a criança devia viver. Até os filósofos justificavam a prática de abandonar os recém-nascidos, como Platão afirma:

Acho que os filhos de boa família devem ser levados à casa do abandono ou a certas amas que vivem em lugares distantes; mas os filhos das classes inferiores e todos os que nascem com defeitos devem ser expostos em lugares secretos, de modo que ninguém saiba o que foi feito deles (La Republica, 460 C, p. 93).

Para Platão, a criança era uma criatura selvagem, sendo a mais difícil de se lidar, pois possui uma razão que precisa ser domada. São seres traiçoeiros, astutos e insolentes e que precisam viver debaixo de muitas proibições, por isso precisam primeiro de uma ama e depois de um tutor para que as ensine a se tornar uma criança livre, mas, se for pega fazendo algo errado, deve ser castigada.

No povo de Israel, o nascimento de uma criança, especialmente um menino, era um acontecimento feliz, e se considerava um crime abandonar uma criança. As crianças estavam incluídas no pacto de Deus com Israel e elas eram instruídas na lei pelo pai e participavam ativamente das celebrações em casa, mas em geral não eram vistas como importantes, a ponto de não serem contadas como pessoas, como mostra Mateus 14.21: “Os que comeram foram cerca de cinco mil homens, sem contar mulheres e crianças”. O rabino Dosa ben Harkinas, do primeiro século (cerca de 90 D.C.), escreveu que conversar com crianças faz com que os adultos fiquem fora do mundo.

Mas para Jesus as crianças têm um espaço privilegiado: os discípulos queriam que elas fossem embora, estavam incomodando, mas

Jesus chamou uma criança (...), colocou-a na frente deles.
Eu afirmo a vocês que isto é verdade: se vocês não mudarem de vida e não ficarem iguais às crianças (...) (MATEUS 18.2).

Jesus trouxe uma criança e a colocou no **centro**. Para ele a criança tinha um lugar central.

Quando as crianças gritavam no templo “Hosana ao Filho de Davi”, como está em Mateus 21. 15-16, novamente a espontaneidade delas incomodou os adultos, o que mostra que muitas vezes o crescimento das pessoas vem acompanhado pela seriedade, e as manifestações de alegria não podem ocorrer. Ser adulto é coisa séria! Crianças não se preocupam com hierarquia e poder, mas elas privilegiam o afeto, o amor, o relacionamento. A escola tem o papel fundamental de preservar a espontaneidade e criatividade das crianças, mas para isto precisamos ouvir nossas crianças, primeiro a criança que tem dentro de nós, e depois as que nos cercam.

Novamente, em Marcos 10.13, Jesus diz para os discípulos para que deixem que as crianças venham, desta forma ele estava surpreendendo seus contemporâneos, pois agia diferentemente deles, garantindo a integridade, o espaço das crianças no meio social, permitindo que elas fizessem parte da história; as envolvia, as chamava e permitia que elas brincassem.

Nas próximas linhas veremos um pouco da construção do fio condutor dessa história, que se dá politicamente através da sociedade e da cultura, bem como das políticas que buscam um lugar para a valorização da criança como sujeito de direitos. Também farei uma análise dos teóricos, da legislação e do professor como profissional e o seu papel neste lugar chamado Educação Infantil.

Mas porque surgiu esta instituição de atendimento à criança pequena, a Educação Infantil?

Surgiu para superar os desafios da sociedade em desenvolvimento nas áreas comerciais, industriais, científicas, artísticas (advento da industrialização). Sempre houve crianças, mas o que não havia era a infância, que veio a existir como categoria social a partir do Renascimento, época em que entendiam que a criança é dotada de valor positivo e que através do jogo se expressa espontaneamente.

No Dicionário Aurélio, ‘Criança’ é o ser humano de pouca idade e ‘Infância’ é o período de crescimento no ser humano que vai do nascimento até a puberdade. Na sua origem etimológica, o termo ‘Infância’, em latim *in-fans*, que significa ‘sem linguagem’; criança que não fala, pois nessa idade não pode falar bem, nem formar suas palavras.

O que podemos perceber é que essas concepções sobre a criança, tempo de infância, tempo de aprendizagem e escolarização foram surgindo e se configurando a partir das mudanças da sociedade –através de um processo complexo da construção histórica por representações, estruturação e constituição de organizações sociais, especialmente a escola, que está diretamente vinculada à construção social da infância. Mudanças foram acontecendo a partir do século XVI, tornando mais visível a diferença entre crianças e adultos, pois antes não havia diferenças quanto a vestimentas, jogos, atividades, aprendizagens e também em relação ao trabalho. Eram as crianças miniadultos que participavam de tudo que os adultos faziam, fosse trabalho, afazeres ou diversão. A partir da Modernidade as crianças saem do anonimato e começam a formação de uma categoria social, sendo a família e a escola as principais responsáveis por estas mudanças. As crianças participam coletivamente na sociedade e são delas sujeitos ativos e não meramente passivos, são seres sociais e históricos que produzem cultura.

A infância foi inventada através da história. A criança está em contato com várias realidades diferentes, aprendendo valores e estratégias que contribuem para sua formação social e pessoal e o que colabora de forma considerável para que isto ocorra é a família, a escola, os pares, as relações comunitárias, levando-a a aprender quando e como agir, pois elas são parte efetiva da sociedade; interagem com pessoas, com as instituições, pertencem a uma classe social, a uma etnia, gênero, raça, à parte do globo onde vivem, e isto diferencia as crianças uma das outras, pois é resultado de uma organização das relações sociais. Podemos dizer que infância é o período do desenvolvimento de sujeitos históricos, base fundamental da construção de relações, respeitando as diferenças que estão determinadas por uma sociedade capitalista.

Durante o Renascimento, a concepção de criança vai se transformando e começam a vê-la como dotada de valor positivo, de natureza boa, que se expressa espontaneamente, e a brincadeira passa a ser uma conduta livre que favorece o desenvolvimento da inteligência, sendo adotada como instrumento de aprendizagem. Mas é no Romantismo que a criança ganha um novo lugar de forma mais enfática, em que o jogo passa a ser instrumento de educação, reconhecendo um novo lugar para a criança e o brincar. O saber e a educação são vistos de uma nova maneira. A infância não é mais um período que se deve esquecer, mas um

momento de perfeição. A criança não é mais vista como um adulto em miniatura, mas como criança criativa, inventiva, produtora de cultura. Antes deste período as crianças eram mantidas no ambiente da casa, pois entendiam que elas eram frágeis e incapazes, precisando assim de proteção familiar; pertenciam às mulheres, permanecendo com elas até o momento de poderem trabalhar ou participar da guerra ou da reprodução, eram consideradas sem estatuto social, nem autonomia e o brincar era visto como atividade que se opõe ao trabalhar. Brincar, então, seria futilidade.

Com a chegada da sociedade industrial, as mulheres buscaram espaço fora de casa, no mercado de trabalho, precisando de um espaço para seus filhos, havendo a partir de então a necessidade de uma nova organização de produção da sociedade industrial, iniciando o processo chamado ‘escola’, que foi surgindo em vários lugares da Europa. Uma das mais difundidas era os jardins de infância de Froebel, filósofo do período romântico, que foi influenciado pelo movimento que acontecia em seu país, e assim elaborou sua teoria, percebendo que o jogo trazia benefícios intelectuais, físicos, morais nas crianças pequenas, tendo um caráter pedagógico e não somente assistencial, entendendo que a brincadeira para as crianças pequenas auxiliava no desenvolvimento da imaginação, linguagem, se tornando uma aprendizagem ativa.

No Brasil, segundo Souza (2007, p.15,16):

A educação institucionalizada de crianças pequenas surgiu no Brasil no final do século XIX (...) O setor privado da educação pré-escolar, voltado para as elites – os jardins de infância de orientação froebeliana.
(...) No setor público, o jardim de infância (...) foi inaugurado apenas em 1896, mais de vinte anos depois das fundações da iniciativa privada.

O jardim de infância (jardineiro que cuida da planta para que cresça saudável) de Froebel, criado em 1873 na Alemanha, privilegiava atividades lúdicas, fazendo uma relação entre criança/natureza, pois entendia que o jogo auxiliava no desenvolvimento sensório-motor, sendo criados métodos lúdicos para desenvolvimento de habilidades nas crianças pequenas. Vemos assim que o lúdico (ginástica, pintura, desenho, escrita, leitura) permeava a ação da criança na instituição infantil, mesmo aqui no Brasil, mas servia a uma clientela de elite, e somente às crianças do sexo masculino, de 3 a 6 anos.

As instituições públicas que surgiram no país tinham um caráter de assistência à saúde e preservação da vida, pois o índice de mortalidade infantil era muito elevado, e, além disso, precisavam atender à demanda surgida com as transformações de ordem social e econômica, em função de um sistema capitalista (sociedade industrial), que fizeram com que a mulher

começasse a buscar seu espaço fora das lidas domésticas como forma de melhoria do rendimento familiar.

O pesquisador Moysés Kuhlmann Jr. (1999) descreve que a primeira creche criada no Brasil foi da Companhia de Fiação e Tecidos Corcovado do Rio de Janeiro, em 1899, e que durante as duas primeiras décadas do século XX foram implantadas várias instituições pré-escolares assistencialistas no Brasil – Sendo instituições com caráter de assistir aqueles que eram vítimas de pobreza, como ato de caridade, e não como um lugar em que a criança era vista como um ser social, histórico, cultural.

Segundo Kraemer (1987, p. 23):

Eram creches que surgiam, com caráter assistencialista, visando afastar as crianças pobres do trabalho servil que o sistema capitalista em expansão lhes impunha, além de servirem como guardiãs de crianças órfãs e filhas de trabalhadores. Nesse sentido, a pré-escola tinha como função precípua a guarda de crianças.

Podemos observar que havia diferença de tratamento entre classe alta e classe baixa, pois o jardim de infância (concepção froebiliana) era para a elite, existindo uma concepção pedagógica, e as creches eram para assistir aqueles que pouco ou nada tinham (necessidades físicas, e não cognitivas).

A partir de 1920, com as transformações econômicas, políticas e sociais que continuavam a acontecer, uma nova atribuição começa a ser dada à educação da criança pequena no Brasil. Baseava-se no movimento da Escola Nova, que vai buscar o conhecimento que ocorreu (século XVII e XVIII, descoberta da infância; século XIX produção dos saberes) e continuava ocorrendo na Europa no Século XX, com uma proposta inovadora, com uma concepção voltada para as crianças e seu desenvolvimento integral.

Mas de onde surgiram estas ideias inovadoras no Brasil? Através daqueles que estavam insatisfeitos e que foram buscar alternativas, aqueles que acreditavam que a escola não é estática, mas sim um lugar de criar, e por isso foram olhar o mundo e o que lá estava acontecendo. Rocha (1999, p.55) coloca:

O próprio aparecimento da pré-escola no Brasil se deu sob as bases da herança dos precursores europeus que inauguraram uma tradição na forma de pensar e apresentar proposições para a educação das crianças nos jardins de infância, diferenciadas das proposições dos modelos escolares.

As transformações na sociedade provocam mudanças e veremos resumidamente o que aconteceu no mundo da educação relacionado à infância e à brincadeira como ferramenta preciosa para aprendizagem das crianças, começando por:

João Amós Comênio (1592 - 1670) – Plano da Escola Materna. Até os sete anos a educação estava em todas as casas. Tudo aquilo que ao homem deve ser instruído devia ser semeado pela família na escola materna. As crianças aprendem muito pelos sentidos, imitando os processos da natureza, levando em conta as possibilidades e interesse das crianças.

Jean Jacques Rousseau (1712 - 1778) – Preceitos da liberdade, deixar criança viver cada fase da infância. Professor como orientador.

Johann Heinrich Pestalozzi (1746 - 1827) – Escola como extensão do lar, lugar de segurança e afeto. Os sentimentos, dessa maneira, iriam despertar a aprendizagem na criança, levando em conta as **brincadeiras em ambientes externos**. Professor como jardineiro que prepara a terra para a planta se desenvolver.

Pestalozzi – Acreditava que a educação podia mudar as condições de vida precária das pessoas.

Friedrich Froebel (1782 - 1852) – Criador do Jardim de Infância, que chegou ao Brasil em 1875, no Rio de Janeiro, no Colégio Menezes Vieira. Froebel defendia que o aprendizado acontecia através da experiência direta da criança, ou seja, a ação da criança deveria acontecer sobre o objeto, pois assim seriam desenvolvidas a imaginação e a linguagem. Abordagem centrada na criança, a criança precisa conhecer, sentir, querer, ser livre em suas brincadeiras, entendendo que o homem precisa ter liberdade de ação. Para ele, a relação da criança com a natureza era essencial. A criança, ao ser produtiva e criativa, se eleva à imagem de Deus que foi o criador de todas as coisas.

Para Froebel, a infância era uma fase decisiva na formação das pessoas. Acreditava **que o brinquedo** auxilia a criança para criar representações do mundo concreto para então compreendê-lo, pois quando imita está tentando compreender o que se passa ao seu redor.

Entende que o espiritual, o físico e o intelectual formam uma unidade relacionada internamente e que são afetados uns pelos outros.

Froebel reconhece o valor da fantasia para o desenvolvimento da inteligência.

Maria Montessori (1870 - 1952) – Proporcionava experiências de aprendizagem da vida real em um ambiente estruturado, partindo do concreto para o abstrato através das experiências sensoriais e científicas, **acreditando no valor da brincadeira** para o processo de aprendizagem

Ovide Decroly (1871 - 1932) – Observando as coisas ao seu redor, a criança escolhe o que quer aprender, aprender a aprender através de centros de interesses, satisfazendo as suas necessidades ou curiosidades. Professor planeja seu trabalho a partir da criança.

Lev Vygotsky (1896 -1934) – Interação e mediação com o meio social e cultural em que a criança está inserida, tendo o adulto como apoio. A brincadeira é uma ferramenta cultural que leva a criança a intervir assim mediar o conhecimento. Os elementos fundamentais da brincadeira são: a situação imaginária, a imitação e as regras.

Jean Piaget (1896 -1980) – A interação é a base de Piaget (o que tenho como sujeito e o que o meio me proporciona). A brincadeira como meio de aprendizagem, descobrir, investigar é a forma de aprender, de se desenvolver como sujeito ativo, autônomo e crítico.

Essas teorias têm sido respeitadas e discutidas por muitos estudiosos, até os dias atuais, que consideram a brincadeira essencial para a aprendizagem da criança. Entre estes posso citar: **Moyles (1989), Bruce (1989), Parker, Rees (2001), Wood e Attfield (2005).**

Isso mostra que todos estes teóricos entendiam e ainda entendem que a Brincadeira e a Interação (que fazem parte das Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil – 2009) são fundamentais para constituição do desenvolvimento integral da criança.

Retomando um pouco da história da Educação Infantil no Brasil, podemos perceber que, para uma educação de qualidade, são necessárias várias frentes, não só pedagógicas, mas também políticas, que garantam à criança viver a sua infância de maneira plena, e isso inclui o direito ao brincar. A partir da Escola Nova, que defendia uma educação ativa, com sentido, respeitando as necessidades e interesses da criança, muito se tem caminhado na busca de uma Educação Infantil que contemple uma infância feliz.

O Brasil apresenta na sua história diferentes fases de atendimento à criança, demonstrando que várias concepções estiveram presentes. O período colonial se caracterizou por um atendimento a crianças órfãs e abandonadas, ou seja, era mais uma medida paliativa para a sociedade dividida em classes que começava a gerar uma população mais pobre e desprotegida. O século XIX e início do século XX pode-se dizer que anunciou a educação das crianças nos jardins de infância para meninos da elite, porém o caráter assistencial continuava presente no sistema de creches para filhos das mães trabalhadoras. Em 1930, foram criados órgãos de assistência infantil com a preocupação em combater a mortalidade infantil. Já em 1946 foi criada a Legião Brasileira de Assistência com o objetivo de assistir as famílias em orientações de saúde, higiene e alimentação. Em 1950, passaram a existir creches fora das indústrias, que tinham como alvo suprir as crianças com alimentação, cuidados de higiene e

físicos, deixando para segundo plano, ou não existindo, os aspectos cognitivos e pedagógicos. Oliveira (1992, p.21) nos diz que:

(...) crianças dos diferentes grupos sociais eram submetidas a contextos de desenvolvimento diferentes e desiguais nas famílias, nas creches e pré-escolas. Enquanto que as crianças pobres eram atendidas em creches com propostas que partiam de uma ideia de carência e deficiência, as crianças mais ricas eram colocadas em ambientes estimuladores e consideradas como tendo um processo dinâmico de viver e desenvolver-se.

Vemos assim que nesta época aquilo que acompanhamos desde o início quanto à educação das crianças pequenas no país continua da mesma forma, levando em consideração as diferenças de classes sociais e com isso a forma de atendimento, para uns, a minoria, desenvolvimento integral e para a maioria apenas assistir suas necessidades físicas **aparentes** – apesar de várias décadas já terem se passado.

Em 1960, surge a Fundação Nacional de Bem-Estar do Menor com uma proposta compensatória de colocar as crianças de classe baixa num patamar igualitário às classes média e alta; Lei 4024/61, que pela primeira vez inclui os jardins de infância em seu artigo 23.º: A educação pré-primária destina-se a crianças até sete anos, e será ministrada em escolas maternais ou jardins de infância (não houve cumprimento do poder público).

E novamente, em 1970, a Lei 5692 menciona no parágrafo 2.º, do artigo 19: que os sistemas valerão para as crianças de idade inferior a sete anos que recebam conveniente educação em escolas maternais, jardins de infância ou instituições equivalentes.

Neste período continuava a questão: A educação das crianças de 0 a 6 anos terá uma finalidade assistencial ou terá como base uma proposta pedagógica? A política pública educacional continuava num impasse.

Conforme o que nos coloca Sousa (2000, p. 17),

(...) o interesse pelo tema cresceu só a partir da década de 1970, quando aumentou o número de estudos e pesquisas que associam o desenvolvimento infantil não somente a adequados programas de nutrição e saúde, mas também a adequadas propostas pedagógicas desenvolvidas com base em teorias educacionais, psicológicas e sociais. Paralelas a essa trajetória estão à participação crescente da mulher na força de trabalho, a consciência social sobre o significado da infância e a concepção de criança como sujeito ativo da construção de seu conhecimento, o que reclama maior e melhor atendimento à criança pequena.

Vê-se então que é nas últimas décadas que se intensificou o crescimento referente ao cuidado das crianças menores de sete anos, buscando um atendimento integral e não somente assistencial, e isto tudo tem como causa movimentos de lutas por creches, a urbanização,

industrialização, a participação da mulher no mercado de trabalho, bem como a organização das famílias, necessitando de instituições que não somente cuidassem da saúde física, social, mas também educacional dos pequenos.

O grande marco político da história da Educação Infantil brasileira se deu em 1988, com a Constituição Federal legitimando o direito da criança de 0 a 6 anos a ter educação. O Artigo 208, inciso IV, diz que: o dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de (...) atendimento em creche e pré-escola às crianças de zero a seis anos. Este documento legitimou a Educação Infantil, a qual começou a ser reconhecida como direito fundamental da criança e como dever do Estado, complementando a partir do artigo 227: é dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança (...) com absoluta prioridade, o direito à vida, à alimentação, à educação, ao lazer (...) à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária (...)

Para Mello (2004, p. 1), o Estado brasileiro assumiu que a criança é um cidadão que tem direito à educação, direito ao afeto, direito de brincar, direito de querer, de sonhar, de opinar, de conhecer. Dessa maneira poderíamos dizer que chegamos naquilo que Froebel apontava no século XIX: que a criança precisa conhecer, sentir, querer, ser livre.

O ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente) veio consolidar, no capítulo IV, artigo 54, inciso IV: É dever do Estado assegurar (...) atendimento em creche e pré-escola às crianças de zero a seis anos de idade. Ficando estabelecida assim a política de atendimento para **todas** as crianças do Brasil, e não somente às crianças carentes ou infratoras.

Mas, em termos de Educação, é somente em 1996 que a Lei de Diretrizes e Bases da Educação 9394/96, Artigo 29, vai referendar que “A Educação Infantil é a primeira etapa da Educação Básica e tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade”.

Passa a Educação Infantil a estar vinculada não somente à Política de Assistência Social, mas também à Política Nacional de Educação, consolidando uma nova identidade para a Educação Infantil, mostrando a indissociabilização do educar e cuidar, retirando a creche da assistência social e a pré-escola da preparação para o ensino fundamental.

Coloca a Educação Infantil em seu patamar de importância social, adquirindo uma função de complementação junto à educação familiar, perdendo o caráter assistencial em substituição à família, como muitas vezes foi entendido, desenvolvendo com a família e a comunidade ações conjuntas em defesa da criança e seu desenvolvimento integral, e com um olhar na formação dos profissionais que atuam nesta área.

A lei também estabelece que a Educação Infantil será oferecida em creches para crianças de até três anos de idade e em pré-escolas para as crianças de quatro a seis anos, no artigo 30 da LDB. Portanto, a partir da LDB, a diferença entre creche e pré-escola será a faixa etária, não mais a classe social na qual a criança está inserida, tendo agora as duas instituições de Educação Infantil o mesmo objetivo: desenvolvimento integral da criança, deixando assim seu aspecto assistencialista.

A criança está cada vez mais sendo vista como um grupo social, seus direitos são enumerados e assegurados em determinações legais, começando em 1948 com a Declaração dos Direitos Humanos da ONU, os Direitos da Criança em 1959, a Constituição Federal Brasileira de 1988, o ECA em 1990, a Lei 9394/96, as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil em 1998, o Plano Nacional de Educação em 2001,... Mas se são necessárias tantas leis e decretos, será que os direitos dos pequenos estão sendo realmente assegurados, de fato e de verdade? Redin (1998, p.55) coloca que: “Sempre que um direito é garantido em lei e estatuto, ou responde a interesses ou indica que ele está sendo violado. Se ele fosse garantido, não necessitava ser legislado”.

O Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil de 1998 afirma que a criança é um sujeito social e histórico que possui uma natureza singular, que sente e pensa o mundo de um jeito muito próprio, sendo as brincadeiras uma forma de compreender o mundo em que vive. Toda **brincadeira** é uma imitação transformada de uma realidade que a criança vivenciou anteriormente, que vai lhe ajudando a reformular seus conceitos e conhecimentos adquiridos. Esta criança, quando vista como um sujeito e parte de uma sociedade e que tem uma compreensão singular de mundo, deve ser respeitada no seu tempo de infância e no seu estágio de vida, sabendo que ela é do mundo e que vive o hoje e não o amanhã. As crianças são o presente e não o futuro, que influenciam e são influenciadas; não podemos mais prepará-las para algo que está por vir. A Educação Infantil não é tempo preparatório, de prontidão, lugar de preparar para algo que dá retorno para uma economia, mas sim um tempo da criança ser criança, e ser criança é sinônimo de **brincar**, de viver intensamente este momento inventivo e criativo, tempo de experimentar e construir seu conhecimento. Mas pedagogicamente podemos dizer que atualmente temos um documento maior, mais consistente, que procura dar um rumo às ações pedagógicas necessárias para o bom desenvolvimento infantil.

No Parecer CNE/CEB 20/2009, que revisa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, documento de caráter mandatório, podemos constatar a orientação para a formulação de políticas, incluindo a de formação de professores e demais profissionais da

Educação, pois somente com formação de um profissional qualificado é possível realizar o que essas políticas e práticas necessitam.

No seu artigo 4.º, aparece a criança como centro do planejamento curricular; é sujeito histórico e de direitos que se desenvolve nas interações, relações e práticas cotidianas a ela disponibilizadas e por ela estabelecidas com adultos e crianças de diferentes idades nos grupos e contextos culturais nos quais se insere. Brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura.

A criança faz parte da sociedade e precisa de um espaço adequado para sua formação (formação como forma?), como um ser que é história e faz história. Barbosa (2009, p.74), nas Práticas Cotidianas da Educação Infantil do MEC, traz que:

É o desafio de abandonar a ideia de educação como “formatação”, previamente definindo os caminhos para as crianças. A compreensão de que a dinâmica do mundo contemporâneo nos propõe muitas incertezas para o futuro, e que estas somente podem ser parcialmente solucionadas, torna-se importante pensar a ação educativa em sua dinâmica contraditória e viva, pois imersa na cultura. Esta situação exige um grupo de adultos – pais, professores, gestores e profissionais – atualizados e atentos as suas opções, escolhas e decisões.

A lei continua reforçando que a criança é um ser de direitos e que é o centro do planejamento curricular. O que isso significa? Conforme o parecer, está relacionado à visão que devemos ter da criança como sujeito do processo de educação, demonstrando um rompimento com os processos de padronização e neutralização, abrindo para um caminho da diversidade, diferenças e pluralismo. Com isso a lei está dizendo que a criança é um ser em potencial que precisa ser vista como competente, inteligente e que precisa ter ouvidas suas ideias, perguntas e respostas.

A imagem da criança está diretamente ligada com aquilo que pensamos sobre as crianças e este pensar é fator determinante na definição da sua identidade ética e social. Nós que somos do sistema educacional cremos que a criança é um ser em potencial, extraordinária, e que ela nasceu pronta para aprender? Estamos oportunizando à criança experimentar e viver a infância brincando?

O período que a criança passa na Educação Infantil é marcado por importantes aquisições: a marcha, a fala, o controle esfinteriano, a formação da imaginação e da capacidade de fazer de conta e de representar diferentes linguagens, cada criança com o seu ritmo, e é nestas interações diárias com crianças e adultos que ela vai aprendendo os valores e normas da sua cultura, construindo assim a sua história como ator social que constrói sobre a

experimentação, explorando e projetando a partir das oportunidades que lhe são disponibilizadas. É onde o brincar acontece como atividade importante no seu desenvolvimento, oportunizando imitar o conhecido e construir o novo.

3.1 BRINCAR PARA QUÊ?

“A brincadeira é a atividade espiritual mais pura do homem neste estágio e, ao mesmo tempo, típica da vida humana enquanto um todo – da vida natural interna no homem e de todas as coisas. Ela dá alegria, liberdade, contentamento, descanso externo e interno, paz com o mundo... A criança que brinca sempre, com determinação auto - ativa, perseverando, esquecendo sua fadiga física, pode certamente tornar-se um homem determinado, capaz de auto – sacrifício para a promoção do seu bem e de outros... Como sempre indicamos, o brincar em qualquer tempo não é trivial, é altamente sério e de profunda significação. (FROEBEL, 1912c, p. 55 in KISHIMOTO, 98)

No Manual de Orientação Pedagógica do MEC, 2012, temos que:

O brincar ou a brincadeira (...) é atividade principal da criança. Sua importância reside no fato de ser uma ação livre, iniciada e conduzida pela criança com a finalidade de tomar decisões, expressar sentimentos e valores, conhecer a si mesma, a outras pessoas e o mundo em que vive. Brincar é repetir e recriar ações prazerosas, expressar situações imaginárias, criativas, compartilhar brincadeiras com outras pessoas, expressar sua individualidade e sua identidade, explorar a natureza, os objetos, comunicar-se e participar da cultura lúdica para compreender o seu universo. Ainda que o brincar possa ser considerado um ato inerente à criança, exige um conhecimento, um repertório que ela precisa aprender.

As crianças constroem significados a medida das suas experimentações e da relação de prazer que têm com os objetos, coisas... E este brincar pressupõe uma aprendizagem social, cultural. Brincar é coisa séria, desenvolve suas capacidades motoras, afetivas e cognitivas, pois é no brincar que a criança assimila significados sociais e culturais. O brincar traz para a criança a possibilidade de tentar, arriscar, acertar, errar, criar e através disto ela aprende e constrói sua autonomia. Estas experiências que vão sendo construídas levarão ao sucesso das experiências culturais quando na fase adulta.

Atualmente, com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação infantil, podemos dizer que temos uma legislação curricular ancorada em especialistas no assunto e consolidada nas trajetórias da história da educação de crianças pequenas tanto no Brasil como em outros países que primam por uma educação de qualidade. Não podemos nos desfazer da nossa história e considero importante lembrar que, já no Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, em 1998, essa temática era colocada como importante para as propostas

pedagógicas nacionais. Faço alguns recortes desse documento que, na sua essência, traz a importância da brincadeira para a criança.

Aspectos relativos à importância do brincar extraído do Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil:

Brincar é uma das atividades fundamentais para o desenvolvimento da identidade e da autonomia. O fato de a criança, desde muito cedo, poder se comunicar por meio de gestos, sons e mais tarde representar determinado papel na brincadeira faz com que ela desenvolva sua imaginação. Nas brincadeiras as crianças podem desenvolver algumas capacidades importantes, tais como a atenção, a imitação, a memória, a imaginação. (Brasil, 1998, p. 22-23)

É desta forma que a criança amadurece suas capacidades de socialização, utilizando e experimentando regras e papéis sociais, Imitam e criam personagens que observaram ou imaginaram. É através da fantasia, imaginação, que ela aprende mais sobre si e sobre o outro.

Brincar torna as crianças capazes de imitar e transformar a vida, tornando uma coisa em outra coisa, objeto, um animal... É algo universal, uma forma básica da criança viver saudavelmente, sendo criativa, construindo sua subjetividade e desta forma se apropriando do mundo ao seu redor. É neste brincar que ela desenvolve seus contatos sociais, ampliando suas relações afetivas, lidando com suas angústias e medos, desenvolvendo sua personalidade, pois o brincar é um elo entre a relação da criança consigo e com o outro. Pela brincadeira a criança aprende a se movimentar, falar e desenvolver estratégias para solucionar problemas, a brincadeira instiga uma aprendizagem exploratória, favorecendo uma conduta divergente, buscando alternativas e pensamento intuitivo, auxiliando no desenvolvimento do raciocínio lógico-científico.

Brincar está intrinsecamente ligado a cada ser humano, pois o bebê primeiro, antes de se relacionar com outros objetos, se relaciona consigo mesmo, brinca com seu corpo, tendo experiências sensoriais e motoras que lhe possibilitam começar o conhecimento de mundo. Num segundo momento, com os objetos que estão ao seu redor e que lhe são possibilitados, brincam, se maravilham, se sentem felizes com coisas simples e que lhe trazem liberdade de ação, ação sobre o objeto, liberdade de viver o imaginário. Brincar de andar, pular, subir, descer, por, tirar, empilhar, derrubar, fazer, desfazer, criar, destruir, sentir o mundo não com os olhos dos adultos, mas através do seu fazer e agir sobre o tempo e o espaço, desencadeando um brincar criativo em que muito de uma cultura lúdica ali se encontra que foi mostrada pelo adulto, mas transformada pela criança. Educar nos primeiros anos de vida está relacionado com um espaço adequado, preparado, brincável. É momento de alimentar o jogo simbólico.

Brincar com a linguagem, expressividade, fantasias, objetos, muitos espelhos para que haja apropriação da imagem exterior, do eu. O jogo livre oferece à criança a oportunidade inicial e mais importante: para atrever-se a pensar, a falar e ser ela mesma.

Nos anos que se seguem é a expressão do eu que está em jogo, por isso as histórias mágicas, baú de fantasias, dançar, pintar, abastecendo a expressão estética (música, pintura, escultura, dança, poesias, narrativa, teatro).

O brincar e a brincadeira fazem parte da cultura da infância (um processo vivo de relações, interações e transformações e que precisam ser vivenciados pelo ator, ou seja, a criança), e são uma das mais importantes funções da Educação Infantil e que deve ser respeitada para que a criança possa viver intensamente a infância como a primeira fase de sua vida e que fará toda a diferença nas próximas fases. Se ela experimentar, criar, imaginar, inventar, viver a experiência da alegria e beleza do ser criança, isto a tornará sensível às coisas e pessoas que estão à sua volta, pois nós criamos vínculos afetivos e relacionais à medida que nos relacionamos conosco e depois com o outro, sendo o brincar uma ação em si mesma que conduz a criança a uma interação e comunicação social. A socialização está relacionada diretamente às ações cotidianas das quais a criança participa e que se refletem nos seus modos de estabelecer relações culturais com seus pares ou adultos que estão à sua volta.

Crianças são atores sociais e constroem sua aprendizagem sobre o conhecimento experimental, ali se expressam, interagem, aprendem a lidar com o mundo, recriando situações de seu cotidiano, trazendo à tona sentimentos de amor, raiva, medo, ansiedade. O prazer e a motivação são o combustível injetor para uma ação livre, e assim inicia um processo de construção de conhecimento, desenvolvendo as competências nas crianças, coordenando ações entre mãos, olhos e cérebro. É brincando que a criança desenvolve a intencionalidade e a inteligência. Quando se brinca se aprende a controlar um universo simbólico particular. Brincar com jogos traz um enriquecimento da cultura lúdica (conjunto de regras e significações).

Huizinga *apud* Kishimoto (2003) aponta as características relacionadas aos aspectos sociais do jogo: o prazer demonstrado pelo jogador, o caráter “não sério” da ação, a liberdade do jogo e sua separação dos fenômenos do cotidiano, a existência de regras, o caráter fictício ou representativo e a limitação do jogo, no tempo e no espaço.

O jogo pode variar desde atividades simples até as mais complexas, podendo apresentar criação e situação imaginária ou simbólica.

Brincar é um direito e está vinculado ao direito de cidadania, é uma atividade dotada de significação social, mas que tem sido violada pelas sociedades modernas, sociedade esta

que tem esquecido o lúdico, e tem desenvolvido como seus únicos potenciais **o trabalho, a produção, a seriedade** (“brincar não é algo sério, necessário!”); a criança precisa ser preparada para consumir e consumir sem refletir. Os pais pensam e agem desta forma quando investem desde a tenra idade em muitas atividades para que seus filhos participem. Precisamos prepará-los para a idade adulta! Estamos preparando para o mundo, para que ele seja alguém na vida! Sem viver o hoje! Isto acontece na Educação Infantil quando temos como meta a preparação para algo que virá depois (Ensino Fundamental, provas, vestibular...), então tornamos nosso brincar algo pedagogizante, não permitindo o tempo e o espaço necessário para que a criança vivencie o seu eu, o ser com o outro, construindo sua cultura. Tudo que fizemos tem um porquê, para quê. Muitas atividades, tarefas, compromissos, em que a criança não tem autonomia, liberdade, não há efetivamente cidadania. Marcellino (1997, p.37) afirma: “Ora, o mundo do brinquedo, em essência, não se prende à preparação sistemática para o futuro, mas à vivência do presente, do agora”.

Hoje, nas diferentes classes sociais, as crianças têm sofrido pela falta do brincar, como algo prazeroso, belo, lúdico, ativo e não passivo (podemos entender como passivo tudo aquilo sobre o que não tenho participação efetiva, sou apenas espectador). O brincar tem a ver com vivência, interação, seja na família, na escola, no parque... Tem a ver com interação sócio-histórica. A criança cresce, amadurece, quando surgem novos desafios, é na atividade que as relações vão sendo estabelecidas: quanto mais desafiadoras forem, mais se desenvolverá a sua personalidade (criança inteligente, rica); quanto mais rotineiras, repetitivas e mecânicas, menos será exigido e mais frágil esta criança será.

A criança desenvolve sua personalidade ao brincar e especialmente num ambiente facilitador e conhecido e desse modo vai desenvolvendo seus contatos sociais e entrando em um mundo de regras e de coletivo. O adulto desenvolve sua personalidade nas experiências da vida, e estas experiências não tem a ver somente com trabalho, mas o brincar está relacionado à cultura de um povo, hábitos, costumes, formas de pensar e agir. Brincar é coisa séria e faz parte das histórias dos povos em todos os tempos.

A criação e recriação da cultura que acontece através do brincar e com a orientação do adulto leva a criança a acessar o acervo cultural no qual está inserida. Aprende-se primeiro aquilo que se relaciona com o jogo para depois aplicar as competências adquiridas a outros terrenos não lúdicos da vida.

3.2 O PROFESSOR E SEU PAPEL

O professor tem papel essencial na estruturação destas categorias para que o brincar faça parte diariamente das instituições infantis através dos objetos e materiais que disponibiliza no espaço, assim como o tempo para brincar. Quanto maior a extensão de possibilidades que são oferecidas, mais intensas e ricas serão as experiências das crianças. É fundamental que o dia a dia da Educação Infantil tenha momentos de brincadeiras livres e outras dirigidas, pois são necessárias para o desenvolvimento da criança; o brincar livre promove a criatividade, descoberta e a autonomia, e o dirigido e preparado pelo professor, através das suas observações, possibilitará que a criança cresça em áreas nas quais ainda não se desenvolveu. Moyles (2002, p.29) faz algumas colocações sobre isso:

O brincar livre deve ocorrer nas escolas? Talvez não, se a visão for a de um instrutor ou doador de conhecimentos. Entretanto, dentro da noção do professor como um mediador e iniciador da aprendizagem, o brincar livre e o dirigido são aspectos essenciais da interação professor/criança, porque o professor tanto permite quanto proporciona os recursos necessários e apropriados.

Vemos que muitas vezes a brincadeira dirigida acontece, quando a escola não faz separação entre brincar como lazer e como parte da aprendizagem. Sendo assim, as brincadeiras livres ocorrem somente em momentos ociosos e esporadicamente, não fazendo parte do planejamento do professor. Mas é nas brincadeiras livres a maior possibilidade de observação e análise, pois ali a criança demonstra quem ela é e do que necessita.

Organizar, observar, registrar e interpretar precisam fazer parte da vida profissional do professor em todos os momentos de interação, pois isto é que fará com que haja enriquecimento nas competências e habilidades de cada criança. Analisar os avanços e necessidades individuais fará com que o professor reorganize seu planejamento inserindo novas estratégias para que todos sejam contemplados.

Por isso, o professor precisa ter um conhecimento acurado sobre a criança e sua forma de ser e agir, para que haja respeito à individualidade, à forma de pensar, agir, criar, ser e sentir o mundo. E para conseguir dar conta desta demanda é fundamental que esteja em constante formação e qualificação de sua atividade docente, formação, esta, vinculada à vida acadêmica, mas também à reflexão diária de sua prática, buscando uma proposta curricular em que a observação, registro e planejamento façam parte de seu cotidiano.

A lei propõe uma nova organização e prática pedagógica na Educação Infantil, sobre a qual Oliveira, 2002, p.82, nos diz que:

Tal inclusão da creche no sistema de ensino requer investimentos em educação permanente e nas condições de trabalho de seus educadores. Requer ainda repensar o modelo internalizado pelos educadores sobre o que é uma instituição escolar para a faixa etária de 0 a 6 anos. Para muitos este deve aproximar-se de um modelo (antiquado, mas em muitos lugares ainda não ultrapassado) de ensino fundamental com a presença de rituais (formaturas, suspensões, lições de casa), longos períodos de imobilidade e de atenção a uma única fonte de estímulos. Mas a creche envolve novas concepções de espaço físico, nova organização de atividades e o repensar rotinas e, especialmente, modificar a relação educador-criança e a relação creche-família.

E agora, como tornar este profissional da Educação Infantil um ser crítico e reflexivo quanto à sua práxis, quebrando paradigmas que foram adquiridos durante sua formação discente e, por que não dizer, também na sua formação docente?

Como entender que o professor não é apenas um cuidador, mas que tem um papel no desenvolvimento integral da criança, nos aspectos físico, psicológico, intelectual e social?

Como dar conta destas transformações sociais, políticas, econômicas e culturais que vão ocorrendo e que trazem mudanças nas concepções de infância e que, por sua conta, trazem implicações diretas no papel do professor?

Para dar conta de um fazer educacional, um profissionalismo², é necessário que se atenda ao ser criança promovendo o desenvolvimento de seu corpo, alma e mente, e isto é possível com uma formação específica, compromissada e que repensa sua prática no seu dia a dia, como organizador, mediador e elaborador de materiais, ambientes e atividades que vão contribuir para ação das crianças sobre os objetos e situações. O ser professor de Educação Infantil precisa integrar uma formação cultural, ética e estética, um professor que integre razão e imaginação, mas para isso é necessário integrar na sua formação o desenvolvimento de sensibilidades e capacidades intelectuais.

Nesta nova modalidade de educação, o professor, por não ser mais somente um auxiliar que assiste as crianças nas suas necessidades físicas, mas que vê a criança como um ser integral, precisa saber a especificidade do seu trabalho, que é educar e cuidar, e que através do seu saber e seu interagir é que a relação professor/criança, criança/professor vai acontecendo.

Isto nos mostra que não é pré-requisito para trabalhar na Educação Infantil gostar de crianças, ter paciência... Mas, sim, ser um profissional especialmente preparado para lidar com as questões de aprendizagens e desenvolvimento infantil, que entenda a forma como a criança pensa, cria, age, faz, vendo esta criança como pessoa em processo de

² Profissionalismo, cf. Libaneo, quer dizer desempenho competente e compromissado com os deveres e responsabilidades que constituem a especificidade de ser professor e com o comportamento ético e político expresso nas atitudes relacionadas à prática profissional. (2001, p.63).

desenvolvimento, um sujeito ativo, social e histórico que deixa marcas. Um professor sensível, atento para transformação do ambiente institucional em um espaço onde o lúdico predomina, oferecendo um amplo repertório, compartilhando da alegria, beleza da brincadeira.

Um professor que aprende com a criança e se permite maravilhar-se e espantar-se com aquilo que acontece ao seu redor. Para isto, acontecer é preciso romper com o formato do dizer às crianças como pensar, agir, saber e fazer. Precisamos compreender, como nos diz Barbosa (2009, p.76):

o ato de educar crianças pequenas como ação simultaneamente ética e estética (...). Criatividade expressa na intenção de perseguir cotidianamente uma vida mais bonita, mais inventiva, mais apaixonada, alegre, poética, inteligente, fundada em valores coletivos mais sensíveis (...).

Isto só é possível se se estiver apaixonado por aquilo que se faz e se vive diariamente. Um professor que tenha o desejo de vir a ser da criança. Um facilitador, zelando pela estruturação da subjetividade, escutando a singularidade da criança, evitando padronizações e comparações. Para conseguir dar conta desta demanda, necessita compreender o desenvolvimento infantil em todos os seus aspectos, mas além do outro, precisa entender a si próprio, entendendo seus valores, cultura, história de vida, classe social. Precisa ter intencionalidade, construindo uma nova história profissional diariamente, junto com as crianças.

4 E AGORA?

Faço parte de um grupo de professoras que atuam numa escola de Educação Infantil, na qual sou coordenadora pedagógica há alguns anos, e tem sido um grande desafio estar à frente para desenvolver um trabalho que faça diferença, em primeiro lugar na minha vida profissional, bem como na vida das professoras e, acima de tudo, na vida de cada criança que está sob os nossos cuidados (levando em conta corpo, alma, mente e coração). Ao longo destes anos, tenho buscado uma formação continuada por acreditar que o ler, escrever, escutar nos faz refletir e buscar novos rumos, por isso busquei este curso de especialização e aí aprendi, ouvi, trouxe muitas coisas para minha prática pedagógica e, claro, não podia deixar de trazer muitos questionamentos e perguntas que ainda estão sem respostas.

Uma destas perguntas que tem inquietado meu dia a dia é: se o brincar é algo fundamental para as crianças, especialmente nos primeiros anos de vida, porque então, como profissionais da área, temos tanta dificuldade de considerar o brincar importante? A lei, as Diretrizes Curriculares, os teóricos nos dizem o quanto o brincar faz diferença na vida de uma criança; então, o que vamos fazer com isto?

Como tornar este profissional da Educação Infantil um ser crítico e reflexivo quanto à sua práxis, quebrando paradigmas que foram adquiridos durante sua formação discente e por que não dizer também na sua formação docente?

A criança brinca! O adulto de hoje brincou! E agora, por que não brinca mais? E por que os adultos não deixam as crianças brincarem como deveriam?

O Projeto Político Pedagógico da escola foi construído junto com a comunidade escolar e visa dar um rumo, uma direção, pois é preciso repensar os tempos e os espaços e a comunidade escolar acredita na formação de um ser humano criativo, que acredite nas suas potencialidades, inserindo-o na sua realidade social, tendo como perfil para seu educando crianças equilibradas, criativas, dinâmicas, com disposição para o novo, construtor do seu conhecimento e críticos. Que sejam felizes, que brinquem e se divertem e que necessitam de um educador dinâmico, criativo, apaixonado pelo seu trabalho, capacitado, recebendo formação constante, promovendo a autonomia, que brinque bastante, que seja inteligente e muito feliz, desenvolvendo práticas que fomentem a criatividade e que levem as crianças a brincarem.

Então, quanta responsabilidade para dar conta disto tudo que a comunidade escolar entende como primordial para a escola de Educação Infantil. O que temos feito:

Tenho encontros individuais periódicos com cada professora, levando-as a questionar a sua prática, revendo o que têm realizado, como têm feito e como poderiam fazer. Perguntas geram respostas e novas perguntas; leitura de textos que as façam crescerem como profissionais da educação.

Como grupo de direção, professoras, educadoras (vinte e duas pessoas, entre professoras e educadoras assistentes), nos reunimos uma vez por mês (sábado pela manhã), das oito e trinta ao meio-dia, para um tempo de formação pedagógica, e conversamos sobre a nossa prática (o que acreditamos, o que queremos, o que vamos fazer, quem são as crianças, o que precisam) Perguntas para as quais buscamos juntas as respostas, lendo vários autores, debatendo e mostrando na prática o que estamos realizando em sala com nossas crianças.

A partir dos encontros de 2014, iniciei minha pesquisa, tendo como campo empírico uma escola de Educação Infantil e seu grupo de vinte e dois professores. Relato, abaixo, através dos questionamentos acima citados, buscando quem sabe algumas respostas para, como grupo, estarmos firmados em leis, diretrizes, teóricos e numa construção interna convincente daquilo que acreditamos e queremos ser como profissionais.

Levando em conta que o que vivenciamos é fundamental, busquei trazer à memória das professoras, através do brincar, o quanto foram importantes os momentos vividos na sua infância. José Moura Filho (1991, p.17) nos diz que:

A memória pode despertar a dignidade e o ânimo contra a humilhação. A memória pode buscar valores qualitativos das coisas e das pessoas contra a desqualificação. Desse modo, a memória pode nos devolver a relação profunda com a experiência humana. A memória pode ser o apoio extremamente decisivo para a construção da identidade, para o estabelecimento de uma posição no mundo acerca de quem sou eu, de onde venho e acerca do que desejo e amo. A memória pode fazer ver faces do mundo que a época tende a encobrir.

4.1 COMO FOI FEITO.

Primeiro encontro– “Mundo Mágico”

1- Preparei a sala com vários cantos com materiais diversos para que brincassem livremente, convidando-as a entrar no mundo mágico que aquele espaço tinha se tornado. Materiais: bambolês, tecidos grandes e coloridos, jornais, bolas, blocos grandes de madeira, cones de linha de costura, grampos de roupas, sucatas.

2- Brincar num período de 40 minutos.

3- Ficar no espaço em que estavam brincando e responder por escrito à pergunta:

Quando eu era criança brincava de...?

Segundo encontro – “Somos inventoras, e agora?”

1- Preparei a sala com materiais como panos, grampos de roupa, cones, lã, caixas, jornal, revistas, cola, sucatas, canetas hidrocor, fita crepe, botões, cordão, fibra, tinta, colheres, potes...

2- As professoras se reuniram em duplas à sua escolha e realizaram a experiência de serem inventoras.

3- A dupla deveria primeiramente interagir com os materiais que estava à disposição, então decidir o que gostariam de inventar e construir.

4- Apresentar suas invenções para o grupo.

5 - Com as suas invenções, a dupla deveria inventar uma história a partir do personagem e apresentar para a sua turma de crianças durante a semana seguinte.

6 - Responder às seguintes perguntas:

Como você brincava na escola (Educação Infantil, Pré-Escola)? Que tipos de brincadeiras? Em que momento?

O que este brincar ou o não brincar na escola fez em ti como pessoa?

Elabore um conceito sobre o brincar.

5 RELATOS CHEIOS DE VIVÊNCIAS

Um poeta contemporâneo disse que para cada homem existe uma imagem que faz o mundo inteiro desaparecer. Para quantas pessoas essa imagem não surge de uma velha caixa de brinquedos?

Walter Benjamin

No primeiro momento, convidei-as a entrar no mundo mágico onde o brincar está. Ao entrarem, não sabiam o que fazer com aqueles materiais distribuídos pelo chão, nas caixas, olharam com ar de espanto, eu estava com minha capa de princesa e as estimulava a brincarem, convidando, jogando as bolas para elas. Com isso, foram se sentindo à vontade, se permitindo “brincar”. “Será que posso brincar?”, era a pergunta que estava em seus rostos. Mas aos poucos foram se colocando em vários grupos distribuídos pela sala e realizando diferentes brincadeiras conforme seus interesses. Algumas foram mais audaciosas no seu brincar e outras não estavam tão confortáveis. O que pude perceber é que seus olhos brilhavam à medida que foram se permitindo brincar. Euclides Redin (1998, p.67) cita que: “O adulto pode recuperar o lúdico em sua vida; o que poderá ser uma forma agradável de recuperação da própria infância perdida e despertar a criança que está eternamente dentro de todo o adulto sadio”.

Não se trata de retornar à infância, àquela criança que fomos, mas, sim, com um novo desejo, resgatando neste profissional a sua história para que se aproprie da sua própria vida, o que muitas vezes foi encoberto pelo tempo, pelo contexto social, cultural, econômico, político.

Para que o professor se encontre com sua infância, precisa se encontrar consigo mesmo e experienciar aquilo que já experimentou e que permaneceu marcante na sua história. Um encontro com a infância que foi marcada por práticas sociais e culturais que revelam hoje suas características e formas de pensar e agir.

Brincar é próprio do homem e uma das atividades sociais mais significativas. São as experiências da infância que dão a possibilidade de mudanças e por isso é necessário que elas invadam o adulto, porque trazem a novidade de vida, de novas experiências e, portanto, da história continuar a ser construída. Assim, a infância não está relacionada com uma idade cronológica, mas com o interior, com aquilo que sou e acredito, sendo coextensiva à vida inteira.

Então, depois deste momento tão sublime de sentir o prazer lúdico, pedi que respondessem algumas questões relacionadas ao que faziam na sua infância. “Quando eu era criança, brincava de...?”

Como diz Froebel, o brincar é o mais importante da infância, sendo a brincadeira típica da vida como um todo. Ela dá alegria, liberdade, contentamento. O brincar não tem nada de trivial, mas é altamente sério e de profunda significação.

Podemos perceber que há uma cultura lúdica, pois compartilham suas brincadeiras com seus pares, sendo uma construção social que se aprende e se estrutura desde muito cedo. Aprende-se que o esconde-esconde não é um desaparecimento real, é de faz de conta. É preciso aprender que é de brincadeira, o mundo do faz de conta é regra básica do brincar, e a partir disto aprendem os mecanismos, as tradições, as regras de um pátio, de um jogo, e depois então aprendem a jogar futebol, videogame...

Quem não lembra a cantiga de roda que fez parte da infância?

Ciranda, cirandinha, vamos todos cirandar
Vamos dar a meia volta, volta e meia vamos dar.
O anel que tu me deste era vidro e se quebrou
O amor que tu me tinhas era pouco e se acabou...

Abaixo estão algumas das brincadeiras que as professoras que fizeram parte desta pesquisa mais gostavam na sua infância:

- Cantigas de roda;
- Casa construída na árvore;
- Boneca Barbie, Susi;

(Uma professora disse que “Adorava brincar de boneca” – um número expressivo gostava de brincar com bonecas.)

- Com animais;
- Comidinha (potes, galhos, pedras);
- Pular corda;
- Esconde-esconde;
- Carrinho de lombo;

“Nossa, era muito divertido, imagina três pessoas em cima daquele carro, corria muito e os gritos eram de felicidade.”

- Jogar bola, taco
- Bicicleta
- Pega-pega
- Cabana

- Casamento
- Teatro (ser a mãe, princesa, dar aulas escrevendo no quadro)
- Caixa de papelão que se transformava em navio, casa, castelo.
- No quintal de casa, no meio das árvores, fazer comida com folhas, barro.
- Caçador
- Polícia/Ladrão
- Bolinhas de sabão
- Casinha/Panelinhas (criar comidas, varrer a casa, comprar alimentos no supermercado, que era o pátio)

(O relato foi: “Gostava de brincar de boneca, mas passava mais tempo organizando a casa da Barbie do que brincando com ela mesma”.)

- Colocar as roupas e sapatos da mãe
- Subir em árvores
- Criar espaços (quarto, cozinha, sala – e o que não tinha inventava)
- Caixa de areia
- Com os cachorros
- Professora
- Fazer casa debaixo da mesa
- Ler

Muitos dos relatos revelam que brincavam na rua, com os amigos, no pátio das casas, e predominaram as brincadeiras de meninas, pois foram apenas professoras do sexo feminino que participaram da pesquisa. Há poucas décadas era possível as crianças brincarem nas ruas (“brincava bastante na rua, de pega-pega, taco, subir nas árvores”), tinham liberdade de andar pelas ruas, não havia tantos automóveis, violência, os pais permitiam que seus filhos tivessem o contato com seus vizinhos, amigos e todos os dias se reuniam para se divertir. Como uma das professoras escreveu: “Atualmente, o que vimos, especialmente nas grandes cidades, é que o espaço e o tempo para brincar são cada vez mais restritos, pois a preocupação com a violência acaba se tornando motivo para que os pais não permitam que seus filhos brinquem e convivam nesses espaços. Com isso, reduz-se as possibilidades de interação e de vivência em grupo”. E Redin (1998, p.19) reforça, dizendo:

A sociedade perdeu a rua e as praças como lugar de encontro e elas se tornaram lugar de trânsito; a própria cidade, onde as famílias são separadas por ruas e muros, será apenas um aglomerado, uma concentração de funções estritamente especificadas, tendo em conjunto apenas o território e, mesmo esse, retalhado. O espaço livre desaparece em função do espaço especializado...

Hoje, com a redução do espaço físico, a insegurança nas ruas se instaurou, e em casa as crianças sofrem influência da mídia e dos brinquedos eletrônicos que propiciam passividade e submissão, levando as crianças ao individualismo, a um mundo próprio, separado dos adultos e do contato com a sociedade (pares, pai, mãe, vizinhos, avós). Protegem da sociedade, mas não protegem suas mentes, sendo um modelo social que está predominando em nosso país, que recebe valores e comportamentos dominantes, e então Fortuna (2008) reforça que no mundo do faz de conta algo diferente é experimentado, transformando a realidade com novos princípios e novos valores gerados na solidariedade, ousadia, autonomia que o brincar comporta. Brincando reconhecemos o outro na sua diferença, singularidade, restituindo o senso de pertencimento. É o brincar que pode trazer uma nova realidade tirando o indivíduo do seu narcisismo. Assim sendo, vamos brincar!

Ao conversarmos sobre o que brincavam, as professoras demonstravam muita alegria, felicidade e saudade de um tempo que foi muito importante em suas vidas e que o tempo havia encoberto (a alegria, o prazer.) e que pude constatar na fala de uma das professoras: “Eu fui uma criança feliz”. As crianças demonstram prazer ao brincar e esta é a principal atividade da infância, impulsionando a ação para explorações livres e que a levam a desenvolver sua imaginação e criatividade. Para Machado (2003), brincar é viver de forma criativa na sociedade e se ela demonstra prazer em brincar é porque tem prazer em viver.

A brincadeira envolve uma transformação da realidade para satisfazer necessidades pessoais, podendo ser um momento de fugir da realidade para então se preparar para enfrentá-la. Quando a criança brinca, demonstra uma expressão de amor a si mesma, pois está cuidando das suas necessidades, por isso a infância precisa ser encarada como um estágio da vida de fundamental importância para todo o seu desenvolvimento, de tal forma que o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, no artigo 16, inciso IV, diz que “O direito à liberdade compreende os seguintes aspectos: (...) brincar, praticar esportes e divertir-se”.

Mas o que vemos atualmente é uma pressão para que as crianças sejam adultas precocemente, violando a santidade da vida, priorizando um período em detrimento de outro. A infância é um período em que a criança tem direito e é uma importante experiência cultural na qual a criança amplia seus conhecimentos sobre o mundo em que vive e sobre si mesmo. Borba (2007, p.12) afirma:

Se entendermos que a infância é um período em que o ser humano está se constituindo culturalmente, a brincadeira assume importância fundamental como forma de participação social e como atividade que possibilita a apropriação, a ressignificação e a reelaboração da cultura pelas crianças.

Mas algo que constatei é que este brincar que as remetem a uma memória prazerosa, que faz parte até hoje nas suas vidas, não estava vinculado à escola; aconteceu paralelamente, levando a pensar que brincar não é coisa séria, por isso não pode fazer parte da escola, ali é lugar de estudar, e estudar e brincar parece que não se fundem. Será que é assim, brincar e estudar não podem estar ligadas? Se a criança quando nasce aprende brincando, nossa humanidade está fundada no brincar, por que tem sido tão difícil entender a importância do brincar?

Observando as respostas que trouxeram a pergunta: Como você brincava na escola (Educação Infantil)? Que tipo de brincadeiras? Em que momentos?

“Na pracinha, no balanço”

As professoras foram unânimes em dizer que o brincar acontecia livremente somente no horário do recreio e por este esperavam com muita ansiedade, quando brincavam de pega-pega, esconde-esconde, passa anel, brincadeiras de roda, balanço, escorregador, pula corda, elástico, polícia/ladrão, bonecas, ovo podre.

Podemos ver a prática pedagógica de muitas escolas de Educação Infantil – e que aqui, no caso, não era apenas uma, porque as professoras vieram de várias escolas, de diferentes cidades: o brincar, especialmente o livre, acontecia apenas nos quinze minutos de recreio. Só se brinca: no recreio; se sobrar tempo, correndo o risco de ter o recreio suprimido por má conduta da criança ou porque esta não fez o tema; porque brincar não é atividade pedagógica, brincar é uma coisa e estudar é outra, como se brincar fosse improdutivo. Ou, por ser algo que dá prazer à criança, o adulto, com a sua formação de **poder e saber, pensa que sabe como** deixar a criança frustrada. Desta forma, a escola fecha as portas para o desejo das crianças, controlando a força criativa, as sujeitando às normas e valores dominantes. Para Fortuna (2003), os professores até permitem às crianças brincarem, mas aquela brincadeira que liberta a imaginação e a criatividade está ausente na maioria das escolas de Educação Infantil. À medida que crescem, o brincar se resume ao pátio, recreio, não sendo uma atividade legitimamente escolar, e isto está dito na fala de uma das professoras:

“As brincadeiras eram impostas pela professora, não podíamos escolher, ela escolhia por nós, apenas no recreio tínhamos a oportunidade de escolher as brincadeiras”.

Estudos têm sido realizados e a realidade tem apontado que as professoras possuem concepções que evidenciam que o principal na Educação Infantil é o educar (= instrução, conteúdos escolares) e por isso há uma supervalorização em detrimento ao cuidar e o brincar.

Veem o cuidar como algo assistencial, e que por isso não é educativo. Veem o brincar como algo para o lazer, fazendo parte do tempo livre e que não está ligado ao educar, compartimentando assim as crianças em formas.

Isso demonstra que as professoras possuem uma concepção restrita sobre o que é educar, muitas vezes não auxiliando no desenvolvimento da autonomia, da identidade, do desenvolvimento afetivo, estético, motor, social das crianças, ou seja, no desenvolvimento integral (aspectos físico, psicológico, intelectual e social), como a Constituição Federal de 1988 e a Lei de Diretrizes e Bases Nacionais n.º 9394/96, artigo 29, reforçam ser a **finalidade** da Educação Infantil.

E neste desenvolvimento integral a brincadeira tem um papel relevante, como Vygotsky (1994, p.126) afirma: “É no brinquedo que a criança aprende a agir numa esfera cognitiva, ao invés de uma esfera visual externa, dependendo das motivações e tendências internas, e não dos incentivos fornecidos pelos objetos externos”.

É no brincar que a criança entra em contato com signos produzidos pela cultura à qual pertence e assim resgata, organiza e constitui seu mundo. É no brincar que ela constrói significados para assimilação dos papéis sociais e compreensão das relações afetivas que ocorrem em seu meio, exercitando seu corpo, conhecendo seus limites, explorando a realidade. No brincar, na brincadeira, a criança expressa sentimentos, valores, conhece a si mesma e o mundo em que vive, toma decisões, recria, repete ações prazerosas, expressa o que sabe fazer, pega coisas que lhe chamam atenção, explora, soluciona problemas.

Mas será que queremos uma criança que cria, pensa, explora, toma decisões? É o que a sociedade contemporânea espera verdadeiramente do cidadão brasileiro?

Então, se brincar acontecia somente no horário do recreio, o que aquelas crianças, hoje professoras, faziam no tempo que ficavam na sala das diversas escolas de Educação Infantil que frequentavam?

“Atividades com papel crepom, figura pronta, jogo do silêncio”

Brincar com as crianças não é perder tempo, é ganhá-lo. Se é triste ver meninos sem escola, mais triste é vê-los sentados enfileirados em salas sem ar, com exercícios estéreis, sem valor para a formação do homem. (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

O Manual de Orientação Pedagógica organizada pelo MEC, 2012, p.12, relata que:

A brincadeira de alta qualidade faz a diferença na experiência presente e futura, contribuindo de forma única para a formação integral das crianças.

A alta qualidade vem como resultado da intencionalidade do adulto que, ao implementar o eixo das interações e brincadeiras, procura oferecer autonomia às crianças, para a exploração dos brinquedos e a recriação da cultura lúdica.

Será que essa foi à realidade das professoras quando crianças? Recriação da cultura lúdica? Desenvolvimento da autonomia? Exploração dos brinquedos livremente? Vamos ver...

Na sala, algumas responderam que as brincadeiras eram impostas assim como com quem brincar e outras responderam que no período dentro da sala precisavam ficar sentadas realizando atividades (recorte, colagem, bolinhas de crepom amassadas, coladas sobre uma figura pronta, desenhos prontos para pintar, letras para colorir).

Brincar em grupo com jogos pedagógicos, somente com os colegas que a professora instituía.

Havia, muitas vezes, o jogo do silêncio.

Mas o que ocorre na Educação Infantil é que o aspecto mais relevante na perspectiva das professoras é a prática pedagógica com ênfase na aquisição da leitura e escrita, sendo o foco os conteúdos escolares, como percebemos na fala a seguir: “Em sala de aula fazíamos atividades da bolinha de crepom colada em torno de uma imagem”; “trabalhinhos de recortar, colar”, e que leva em conta somente o desenvolvimento cognitivo, desconsiderando a criança no seu desenvolvimento integral. Os jogos pedagógicos são vistos como um recurso pedagógico, mas o brincar pelo brincar é o suficiente, não há uma intervenção pedagógica, como se a criança nascesse sabendo. É o meio que proporciona, por isso o planejamento do espaço físico e a disponibilização de brinquedos e brincadeiras é realizada pelo adulto, que tem o papel de mediador, estimulador, instigador, e vai ampliando na criança novas experiências de leitura de mundo que a encantam.

Podemos perceber que as professoras consideram que sua função é apenas ensinar e que o cuidar e o brincar são secundários (males necessários), que não trazem benefício algum para as crianças e não são educativos, parece algo que pode contaminar o estudar, e não auxiliar no desenvolvimento intelectual da criança. É visto como uma atividade paralela de

menor importância na formação, visto como um tempo perdido que não está vinculado ao mundo produtivo, não gera resultados “imediatos”. Para Perrotti (1990), no sistema capitalista como um sistema produtivo, produção em série, o lúdico se torna inviável, porque o tempo do brincar não pode ser mensurado, regulado, objetivo. Por isso, ele é retirado da vida do adulto e permitido nos “improdutivos” (crianças) em alguns momentos.

Educar = Ensinar = leitura/escrita. A Educação Infantil adquire uma perspectiva escolar que reproduz práticas do Ensino Fundamental, empobrecendo o fazer pedagógico e limitando o desenvolvimento das crianças. O que demonstra uma concepção preparatória da Educação Infantil sem um objetivo relacionado a si mesma, mas apenas como uma escolarização futura, em que o professor é a figura central do processo e com uma estrutura que reflete a do Ensino Fundamental. Parece que o professor não sabe o que fazer enquanto a criança brinca de forma autônoma e criativa, assim o seu papel onipotente fica descoberto e isso lhe traz insegurança, se sente ameaçado devido à falta de previsibilidade do que vai acontecer a partir do brincar da criança sem a sua intervenção direta e efetiva.

O Parecer CNE/CEB 20/2009 relaciona a tríade cuidar-educar-brincar como ação pedagógica: “Educar cuidando inclui acolher, garantir a segurança, mas também alimentar a curiosidade, a ludicidade e a expressividades infantis” (2009, p.10).

A Resolução n.º 5, de 2009, que fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil no seu artigo 8.º resolve:

A proposta pedagógica das instituições de Educação Infantil deve ter como objetivo garantir à criança acesso a processos de apropriação, renovação e articulação de conhecimentos e aprendizagens de diferentes linguagens, assim como o direito à proteção, à saúde, à liberdade, à confiança, ao respeito, à dignidade, à brincadeira, à convivência e à interação com outras crianças.

Através da colocação acima, podemos perceber que o cuidar-educar-brincar está no mesmo patamar e que todos são inerentes ao fazer pedagógico do professor de Educação Infantil, pois quem cuida educa, e quem educa cuida. A criança é um sujeito de cultura e história, um sujeito social em quem está sendo alicerçada a cada dia a sua forma de ser e agir e que tem o brincar como o seu principal aliado. Porém para assim ser, o professor precisa acreditar que o brincar é uma ferramenta vital e que pode fazer toda a diferença na sua prática pedagógica diária. O artigo 9.º da Resolução n.º 5, de 2009, diz que as práticas pedagógicas que compõem a proposta curricular da Educação Infantil devem ter como eixos norteadores as interações e as brincadeiras, garantindo experiências com princípios éticos, políticos e estéticos, ou seja, tudo que está relacionado com a criança, com o outro, com o mundo.

Por que então o professor continua separando e dando uma importância maior ao educar com conteúdos escolares?

Será que tem a ver com a concepção de escola a qual o professor quando criança foi submetido?

Brincar produz algo no ser humano?

As crianças brincam para encontrar a realidade, os adultos brincam para evitá-la.
(JANET R. MOYLES)

Pelo brincar está sendo construído na criança seu ser e sua autonomia. Ao brincar, fantasiar, sonhar, a criança revela que quer crescer e por isso está se arriscando, criando. É no brincar que frui a liberdade de criação. Segundo Moyles (2002, p.166):

O brincar, tenha a forma que tiver, ajuda os adultos a elaborar problemas. Problemas diferentes têm soluções diferentes, mas os adultos sob estresse podem ser vistos cavando vigorosamente no jardim, fazendo algum esporte ou rabiscando em um bloco enquanto os processos mentais estão operando, conversando, lembrando ou simplesmente devaneando em um mundo próprio. Os paralelos com o brincar de faz de conta e a fantasia infantil são abundantes.

Uma das professoras, que teve uma infância muito difícil em termos familiares, materiais e emocionais, disse que não podia brincar nem na escola e nem em casa, relatando que o medo e a insegurança permearam vários momentos significantes no seu desenvolvimento cognitivo e emocional e por isso teve muita dificuldade para se alfabetizar. Outra disse que o não brincar a tornou uma pessoa seletiva, com o pensamento restrito do brincar. Outra afirmou ser tímida, principalmente para falar em público, talvez por não ter sido estimulada quando criança. Ela não brincava muito e isso fez dela uma pessoa com pouca imaginação –mas o pouco que brincava era bom e a fazia se soltar. Muitas vezes não brincava por conta da timidez.

Podemos perceber que o não brincar deixou marcas das quais as professoras, nas suas falas, se dão conta, e hoje essas profissionais precisam quebrar barreiras que foram sendo construídas no seu processo de formação, ou mesmo repor lacunas que ficaram e que refletem de maneira negativa nas suas práticas pedagógicas, e dessa maneira serem reconstruídas para que o brincar atravesse o seu fazer pedagógico. Para isso é preciso instigação e desestabilização das suas histórias. Tardif (2002) reforça dizendo que todos os saberes dos professores foram sendo escritos durante sua história de vida pessoal e profissional. A vida pessoal está relacionada diretamente à vida profissional, somos um todo, um ser integral.

Então, reproduzimos aquilo que foi construído durante toda a nossa vida. E o que foi construído sobre o brincar?

Tudo aquilo que sabem, vivenciam e sentem em relação ao brincar define seu modo de ser e de realizar na sua prática.

A inteligência e todo o processo de desenvolvimento de uma criança são construídos através da relação, da ação das quais elas participam. E isto está, por exemplo, no seguinte relato: “Durante o brincar, este momento tão criativo, divertido, aprendi a sorrir, dividir, explorar, e hoje uma parte de mim não existiria se não fossem os momentos de brincar. Na hora das brincadeiras me sentia livre e podia ser quem eu era”. O ser humano precisa apropriar-se de atividades práticas para assimilar quem ele é como pessoa e o que ele é capaz de fazer. É durante as atividades que irá desenvolver o raciocínio, a afetividade, a sensibilidade, a socialização, a memória, a percepção daquilo que o rodeia, o ético e estético. A criança precisa ser criativa, desenvolvendo sua imaginação e, assim, acionando mecanismos necessários à aprendizagem. Para que isso ocorra, precisa produzir e creio que isto está relatado na fala das professoras:

“O brincar ajuda na questão da confiança, a ser criativa, organizada, divertida, compreensiva.”

A escola é marcada, como afirma Redin (2010, p. 247), por

diversos atravessamentos simbólicos, que, ao invés de repetir modelos, poderia oferecer às crianças novos lugares, insistindo no novo, no afastamento dos clichês, engendrando outros olhares (...) mas o que o fazer pedagógico tem primado (...) é a repetição de atividades desconectadas com a vida, com o conhecimento, com a experiência e a curiosidade das crianças. (...) A prática com as crianças tem mostrado atos mecânicos.

É como demonstra a fala desta professora: “Os momentos em que ficava em sala eram com atividades sentadas à mesa. Penso que isso prejudicou a minha coordenação motora e noção de espaço”.

Por que tanta dificuldade de observar e realizar o diferente? Por que o estereotipo está tão enraizado no ser e fazer? Por que nossa história foi construída sobre este estereotipo?

O que falta é a liberdade? Falta experimentar o novo, o diferente? Falta viver com intensidade o ser?

Podemos notar nos relatos que o brincar era a vida delas, nele tudo acontecia. “Eu fui uma criança feliz”; “Eu brincava muito”. Brincar é a vida da criança! “Brincar com os amigos ficará registrado por toda vida”. Para Moyles, (2002, p.20):

“Por que brincar?” é que ele garante que o cérebro – e nas crianças quase sempre o corpo – fique estimulado e ativo. Isso, por sua vez, motiva e desafia o participante tanto a dominar o que é familiar quanto a responder ao desconhecido em termos de obter informações, conhecimentos, habilidades e entendimentos.

Para Machado (2003), brincar é uma experiência de cultura e é a primeira forma que temos contato e é ela que amplia os conhecimentos da criança sobre o mundo e sobre si. O mundo está no brincar e ali ele é pensado, recriado, expressado. A cultura é o jeito que as pessoas convivem, se expressam, crianças brincam, adultos trabalham, vivem. A criança brinca com a cultura.

Mas então porque se tem distanciado o brincar da escola, lugar de pares, de trocas, de saberes? Lugar de educação formal e informal? Por que insistimos em expor nossas crianças a estilos de aprendizagem que falharam na nossa formação educacional?

Por que relutamos em aceitar que aprendemos a partir das experiências que tivemos?

“Brincar é fazer com que a criança cresça feliz, é ensinar as coisas de uma maneira divertida. Brincar é voar com a imaginação.” (Carolina).

A formação docente precisa estar em contínua construção da identidade pessoal e profissional do professor. Este processo precisa estar vinculado à concepção e os contextos sociais e culturais, produzindo um conjunto de valores, saberes e atitudes encontrados nas próprias experiências e vivências pessoais, sendo estas que trazem significado às práticas pedagógicas.

O professor precisa explorar seu potencial, mesmo que este não tenha sido desenvolvido na sua história escolar, fazendo emergir o desejo de criar, refletir sobre si mesmo e suas potencialidades, proporcionando experiências lúdicas no seu fazer pedagógico. Porque é preciso redescobrir a criança que existe guardada dentro de si. Este reencontro levará a refletir sobre o brincar nas práticas do dia a dia na escola. E este refletir relembrando a infância, o brincar na sua vida, a construção ou desconstrução do seu ser, pode levá-lo a desenvolver uma nova forma de trabalho.

O profissional da Educação Infantil precisa mediar a alegria do lúdico, do belo, da descoberta, da surpresa, do encanto porque é ele que permite e proporciona os recursos

necessários e apropriados para que a criança brinque, é preciso se deixar absorver por experiências próprias e levá-las junto para a prática do dia a dia. É preciso que busque conhecimentos teóricos através de leitura de textos que o auxiliem a uma apropriação e instrumentalização teórica, e não apenas “vou fazer porque todos estão fazendo”. Através de fragmentos teóricos, vai realizando uma prática de receitas, um fazer pelo fazer e por não ter convicção e conhecimento teórico vai andando conforme os ventos vão soprando na escola. Precisa construir um conceito de brincar sólido que justifique o porquê desta prática na escola de Educação Infantil.

O brincar na escola não pode ser através de receitas, mas é preciso refletir, estar em constante revisão da sua prática, e isso começa pelo professor descobrindo quem ele foi e é, ludicamente, resgatando suas experiências com o brincar. Pereira (2002, p.9) diz: “Só poderemos reconhecer a criança se, nela, reconhecemos um pouco da criança que fomos e que, de certa forma, ainda existe em nós. Provavelmente tivemos medos, aventuras, birras, alegrias e frustrações e tudo isso uma criança também vive em nossos dias”.

O brincar proporciona um meio real de aprendizagem e permite ao professor observador e competente que aprenda, através do brincar, as necessidades das crianças e onde elas se encontram no seu desenvolvimento intelectual, físico, psicológico e social. Utilizar o brincar como um recurso pedagógico exige do professor fundamentação teórico-prática, entendendo que a brincadeira é tão ou mais complexa do que desenvolver atividades de Português ou Matemática, porque é preciso intervir, apoiar, problematizar, instrumentalizar o espaço, é preciso saber brincar, é preciso ter intencionalidade. O professor precisa viver situações lúdicas, observar o brincar para ser capaz de brincar e intervir no aprender. Mas, para que entenda que a escola é lugar de brincar, precisa entender e aceitar que o seu trabalho pode ser prazeroso e criativo, e não pesado, sem alegria. O brincar é necessário para crianças e adultos e ele não é o oposto do trabalho, ambos são parte de nossa vida.

Uma das professoras, ao conceituar o brincar, disse:

“Brincar é vivenciar uma experiência única que nos possibilita crescer.”

É a formação lúdica do professor, o que sabe, vivencia e sente em relação ao brincar que define seu modo de ser e implica diretamente na prática pedagógica. O brincar precisa atravessar a sua vida, passado/presente, presente/passado. Para Morin (1996, p. 131), “O passado é sempre reconstruído pelo presente, não apenas o presente é construído pelo passado.”. É preciso instigar e desestabilizar suas certezas, levando em conta a condição de

um professor que brinca e desse modo o brincar irá se espalhar por todos os lugares por onde passar com sua caixa de brinquedos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O mundo moderno vem nos desapropriando das atividades lúdicas, trazendo um caráter centrado nas ideias de trabalho, seriedade, produção. Como o brincar não pode ser mensurado pelo sistema capitalista, parece que não é importante, porque não somos o que somos, mas o que temos. Então brincar e descobrir o seu eu não pode fazer parte. É preciso colaborar para uma sociedade brincante que respeita a criança como um ser histórico e social que tem direito a brincar.

Para criança e adulto, o brincar é o espaço para usar a inteligência, brincando é que se aprende a controlar um universo simbólico, um lugar de experiências que combina pensamento, linguagem, criatividade, fantasia.

O brincar tira o professor de ficar olhando para si, fazendo com que olhe para a criança, observando seu modo de ser e agir, levando em consideração as suas necessidades, o seu desenvolvimento integral, a alegria e o prazer que a criança sente se apropriando da cultura. Para saber sobre o brincar, é preciso brincar, portanto o professor precisa voltar a brincar, buscar memórias, narrar e pensar sua prática – buscar memórias porque isto permite pensar o presente, e assim atravessar sem o encobrir. Apropriar-se da sua vida e entender que a sua história faz parte do processo de formação docente, levando em conta quem são, sua história de vida, o contexto sociocultural, possibilitando o lúdico, pois durante um período da vida de cada professor o brincar esteve presente de forma consistente e este tempo de ser criança faz diferença hoje no seu ser profissional. Não somos neutros, em tudo que fazemos a nossa história está presente. Somos aquilo que recordamos. As memórias estão em nossas mentes e conduzem o presente. Nossas aprendizagens escolares, sejam boas ou ruins, estão registradas. O que precisamos é romper com a velha forma de ser professor e desafiar-se a ver os resultados na sua prática pedagógica. A escola de Educação Infantil pode contribuir muito para resgatar o lúdico na infância, mas para isso o professor precisa acreditar que o brincar é uma ferramenta importante no processo de desenvolvimento integral da criança, possibilitando aquisição de conhecimentos.

Quando o professor olhar para sua história e entender o que o brincar fez na sua vida, buscando através da formação continuada o conhecimento com fundamentação teórica sobre como é esta criança, o que precisa para se desenvolver, construindo um conceito sólido que justifique o brincar, reconhecendo e vendo na sua prática, uma prática significativa, criativa em que ele é o autor, verá o resultado na sua vida e na da criança e desta forma creio que entenderá qual o seu papel como professor da Educação Infantil. Quebra, desse modo, a velha

forma de ser professor que foi inculcida durante a sua vida discente e até mesmo docente. É preciso renunciar ao controle, centralização e onisciência que tem perpassado o ser professor e por isso o professor tem dificuldade de aceitar o brincar, porque não existe um pacote de aprendizagem preestabelecido, isto gera desconforto e insegurança.

Se a criança aprende através da experiência, de que forma o professor aprende? Da mesma forma, experienciando, vivendo, e o saber lúdico é essencialmente vivencial por isso: é preciso aliar formação docente com saber lúdico, uma formação que leve em conta a brincadeira que nasce do interior do professor. Prazer na docência é o que precisa perpassar a escola.

A escola é o lugar onde devemos resgatar o brincar. Por quê? Porque o brincar contamina o estudar de alegria, prazer, criatividade, imaginação e contamina o professor, pois não mais irá realizar atos mecânicos desde que entenda e quebre a velha forma de ser e agir. O que vemos hoje é que, mesmo com leis, um aparato legal que diz que se deve brincar com a criança na Educação Infantil, não há garantia de que na prática isso esteja ocorrendo. E, assim, entre o discurso e o realizar, o tempo e o espaço, o brincar vai sendo reduzido, pois é visto como oposto ao estudar, quando na verdade estudar brincando é a fórmula para transformar a realidade atual nas escolas de Educação Infantil.

A Educação Infantil precisa ser o espaço em que a criança, e não as coisas que a equipam, é o centro. A escola existe por causa das crianças. Jesus disse: “Deixem que as crianças venham a mim e não as proibam que façam isso, porque delas é o Reino dos Céus” (Mateus 19.14). Este lugar é das crianças, por isso façamos aquilo que ela precisa, aquilo que lhe dá prazer e que lhe prepara para ser uma pessoa que acredita no seu eu, que cria, imagina, fantasia.

Desse modo, respondo à minha pergunta: brincar é coisa séria, muito séria, e este é o melhor tempo da infância.

Brincar por quê? Porque é fonte de vida! Vida hoje e vida amanhã!

REFERÊNCIAS

- ALVES, Rubem. **Conversas sobre Educação**. Campinas, SP: Verus Editora, 2003.
- _____. Rubem. **Por uma educação romântica**. Campinas, SP: Papyrus, 2002.
- ANGOTTI, Maristela. (org.) **Educação Infantil: Para quê, Para quem e Por quê**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2006.
- ARIÈS, Phillipe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Jahar, 1978.
- BARBOSA, Maria Carmen S. **Por amor e por força: rotinas na educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- BENJAMIN, Walter. **Reflexões: a criança, o brinquedo e a educação**. São Paulo: Summus, 1984.
- BÍBLIA CONSELHEIRA – Novo Testamento. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2011.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Brinquedos e brincadeiras de creches: manual de orientação pedagógica**. Brasília: MEC/SEB, 2012.
- _____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil. **Resolução n.º 5 de 17 de dezembro de 2009**.
- _____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Projeto de Cooperação Técnica MEC e UFRGS para construção de orientações curriculares para a educação infantil**. Brasília, 2009.
- _____. **Parecer CNE/CEB n.º 20. 11 de dezembro de 2009**. Brasília.
- _____. Ministério da Educação e Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil. **Parecer CNE/CEB 22/98**. Brasília 1998.
- _____. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Lei n.º 9394 de 20 de dezembro de 1996**, Brasília.
- _____. Estatuto da criança e do adolescente. **Lei n.º 8.069/90**. Brasília.
- _____. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal, 1988.
- _____. Lei de Diretrizes e Bases de 1971. **Lei n.º 5692, de 11 de agosto de 1971**. Brasília.

_____. Lei de Diretrizes e Bases de 1961. **Lei n.º 4.024, de 20 de dezembro de 1961**. Brasília.

BROCK, Avril. (et al.). **Brincar – Aprendizagem para a vida**. Porto Alegre: Penso, 2011.

BROUGÉRE, Gilles. **Jogo e Educação**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

DAHLBERG, Gunilla et al. **Qualidade na Educação da Primeira Infância: perspectivas pós-modernas**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

ELKIND, David. **Sem Tempo para ser criança: a infância estressada**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

FORTUNA, Tânia Ramos. O brincar na educação infantil. **Revista Pátio – Educação Infantil**, Ano I, n.03, dez. 2003/mar. 2004.

FREIRE, Madalena. **Educador, educador**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

KISHIMOTO, T.M. **O Jogo e a Educação Infantil**. São Paulo: Pioneira, 2003.

KISHIMOTO, TizukoMorchida (Org). **O Brincar e suas Teorias**. São Paulo: Cengage Learning, 2011.

KRAMER, Sônia. **Profissionais de educação infantil: gestão e formação**. São Paulo: Ática, 2005.

_____. **Por entre as Pedras: Arma e sonho na escola**. São Paulo: Ática, 1994.

_____. **A política do pré-escolar no Brasil: a arte do disfarce**. Rio de Janeiro: Dois Pontos, 1987.

KUHLMANN JR, Moyses. **Infância e Educação Infantil: uma abordagem histórica**. Porto Alegre: Mediação, 2010.

LIBÂNEO, José Carlos. **Organização e gestão da escola: teoria e prática**. Goiânia: Alternativa, 2001.

MACHADO, M.L.A. (org.) **Encontros e Desencontros em Educação Infantil**. São Paulo: Cortez, 2002.

MALDONADO, Jorge Ernesto. **Fundamentos Bíblico-Teológicos do Casamento e da Família**. Belo Horizonte: Ultimato, 1996.

- MARCELLINO, N.C. **Pedagogia da Animação**. 2.ed. Campinas: Papirus, 1997.
- MOYLES, Janet R. **Só Brincar?** O papel do brincar na educação infantil. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- OLIVEIRA, Z. M. R. (org.) **Educação Infantil**: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2002.
- OLIVEIRA, S. M. L. O. A Legislação e as políticas para a educação infantil: avanços, vazios e desvios. In: MACHADO, M.L.A. **Encontros e desencontros em educação infantil**. São Paulo: Cortez, 2002.
- OSTETTO, Luciana (org.). **Educação Infantil**: Saberes e fazeres da formação de professores. São Paulo: Papirus, 2008.
- PERROTTI, Edmir. **Confinamento Cultural, infância e leitura**. São Paulo: Summus, 1990.
- POSTMAN, Neil. **O desaparecimento da infância**. Rio de Janeiro: Graphia, 1999.
- REDIN, Euclides. **O espaço e o tempo da criança: se der tempo a gente brinca**. Porto Alegre: Mediação, 1998.
- REDIN, Marita Martins. Ética, estética e Educação Infantil. IN: MÜLLER, Fernanda (org.). **Infância em Perspectiva**. Políticas, pesquisas e instituições. São Paulo: Cortez, 2010.
- SARMENTO, Manuel Jacinto. As culturas da infância nas encruzilhadas da 2.^a modernidade. In: SARMENTO, Manuel Jacinto; CERISARA, Ana Beatriz (Coord.). **Crianças e Miúdos**. Perspectivas sociopedagógicas sobre infância e educação. Porto. Asa, 2004.
- SOUZA, Solange Jobim (org.). **Subjetividade em questão**. A infância como crítica da cultura. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000.
- TARDIF, Maurice. **Os Saberes docentes e formação profissional**. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.
- VYGOTSKY, Lev S. **A Formação Social da Mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- WAJSKOP, Gisela. **Brincar na pré-escola**. São Paulo: Cortes, 1999.